Vol. 9.º

# COSMOS

Vol. 9.º

REVISTA
MAGAZINE
POPULAR ILLUSTRADA

Christovão Colombo

Silva e Souza del.

P. Marinac gr.

Director e administrador - ADOLPHO DE MENDONÇA - Editor - proprietario
TYPOGRAPHIA
RUA DO CORPO SANTO, 46, 48— LISBOA

BIBLIOTHECA MAGAZINE POPULAR ILLUSTRADA

Director e Administrador — ADOLPHO DE MENDONÇA — Editor e Proprietario

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

# COSMOS

VOLUME IX

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

# OS INGLEZES

Ao longe, entre nuvens de poeira, avistava-se gente e ouvia-se indistinctamente o som de instrumentos, cortado pela pancada secca e compassada do zabumba. Aquelles sons confusos vinham subindo pouco a pouco n'um grande *crescendo*. Era o rancho da Quinta do Eirô com a competente esturdia. Tinham principiado as vindimas. A garotada em grande algazarra enfiava em desordem pela estrada fóra, sahindo-lhe ao encontro. D'ahi a pouco entrava tudo de roldão no vasto terreiro, e á varanda, de balaustres de pedra, assomavam os inglezes que tinham chegado de manhã. Por traz d'elles via-se um velhote, de ventre proeminente, olhar bondoso, sorriso prasenteiro, a face nedia, cuidadosamente barbeada; era o dono da casa, o sr. Domingos Gonçalves, commissario dos inglezes e lavrador abastado que comprára a Quinta do Eirô a um fidalgote arruinado.

Em baixo, os homens, de calças brancas, grossos sapatos ferrados, em mangas de camisa, jaquetas a tiracollo apertadas no peito pelas mangas, as faces afogueadas, cobertos de suor, debatiam-se furiosos,

alinhados em duas alas paralellas, dando uns saltos grotescos, n'uma dança de selvagens.

Atraz, muito direitos e graves, vinham os tocadores; um rabequista que desenvolvia em variações endiabradas, ás cabriolas dos agudos para os graves, a *chula* da Campeã, o da viola e o da guitarra seguindo n'um acompanhamento espaventoso, secundados fortemente pelo dos ferrinhos, e o do zabumba fazendo prodigios ao julgar-se admirado pelos de cima.

O cantador, n'uma voz esganiçada, de falsête, entoava uma cantiga. Os dançantes redobravam d'ardor nos pulos bestiaes, com gestos alváres. Em desordem seguiam depois as mulheres com os seus trajes escuros, de serranas, e trouxas de roupa á cabeça; eram quasi todas de feições grosseiras, destacando raramente um ou outro rosto mimoso. Em cima, na varanda, a ingleza, secca e direita como uma taboa, loura como as estrigas, commentava:

— Oh! yes, muita original!

O rancho e a esturdia seguiam caminho das *cardênhas*.

*

No escriptorio do sr. Domingos Gonçalves estava ao meio da casa o mais velho dos inglezes, o sr. Richards; gordo, de suissas brancas, que destacavam na face avermelhada, olhos pequenos, esbranquiçados, sem côr definida.

Respondia invariavelmente aos lavradores que, um por um, lhe vinham offerecer os vinhos:

— Mim não dar mais de trinta e nove mil réis por vinhos tintos e dez soberanas por vinhos brancos.

O lavrador demonstrava longamente que, por taes preços, pouco lhe sobejaria das despezas do custeio.

— Veja v. ex.ª; o enxofre, o sulphureto, os adubos; fóra cava, rédra, erguida, vindima, despezas extraordinarias, etc., etc... E as contribuições?!

— Yes, sr. lavrador; mim não poder dar mais.

— Veja bem v. ex.ª que de anno para anno a producção diminue, o phyloxera vae destruindo assustadoramente, parece que o preço devia augmentar...

— Oh! mim não discutir com sr. lavrador, dizia pausadamente, com uma voz aflautada, sr. lavrador estar para vender, mim para comprar. Não convir a vossemecê, mim não comprar; yes.

— Trinta e nove mil réis pelo tinto e dez libras pelo branco!... dez libras!

— Ainda o anno passado v. ex.ª me pagou o branco a cincoenta mil réis. Veja bem, sr. Richards; demais o pagamento é feito em tres prazos, como de costume. Se o phyloxera continúa a devastar, como este anno, vejo-lhe geitos de ser o ultimo vinho que me compra. Por um lado o terrivel flagello, por outro uns preços desanimadores, é caminharmos para a ruina total.

— Oh! estar preços rasoaveis; mas não convém a sr. lavrador, sr. lavrador não vende, yes...

Pallido, torcendo o chapeu entre as mãos, o lavrador olhava tristemente o inglez. E este, n'uma grande tranquillidade, dando voltas aos berloques da cadeia, contemplava, atravez da janella, a paisagem montanhosa que se desenrolava em frente, n'um explendido banho de luz.

Pensava então comsigo mesmo o lavrador que, se este inglez lhe offerecia aquelle preço, os outros não lhe dariam por certo mais; e os filhitos e a mulher lá estavam em casa a precisarem de pão, era forçoso resignar-se.

— Então v. ex.ª não quer dar mais? É tão pouco!

— Mim não dar mais. Repetia indifferente na sua linguagem de preto.

— Pois... é seu o vinho, dizia o outro n'um triste desespero.

— Muito bem, darei minhas ordens; e tomava apontamentos na volumosa carteira.

O lavrador sahia cabisbaixo.

. . . . . .

Á porta do escriptorio apparecia a physionomia risonha de Domingos Gonçalves.

— Então vamos jantar?

— Yes, jantar; mim estar muita bem disposto, dizia o inglez com um sorriso satisfeito.

*

No topo da vasta mesa presidia ao jantar a sr.ª D. Esmenia, a esposa do sr. Gonçalves, transmontana ainda fresca, de boa côr rosada, respirando aquelle tom de saude que dá o ar fino que vem das serras. Formava um perfeito contraste com a sua visinha a ingleza, secca e chupada, a face pallida, direita e grave, sorrindo levemente, como um automato, ás amabilidades da dona da casa.

O sr. Domingos Gonçalves fizera convites: o prior, o filho d'um brazileiro, o boticario, etc., etc.

Corria tudo animadamente.

D. Esmenia dava as suas ordens a dois latagões altos, contrafeitos n'umas casacas pretas e gravatas brancas, que as executavam pressurosos; eram dois caiadores da povoação proxima transformados em creados de mesa, entidades constantes e indispensaveis em todos os jantares de tom dos arredores.

Os inglezes eram quatro, o sr. Richards, a esposa e um filho, rapaz dos seus vinte e cinco annos, e acompanhava, como *touriste,* a familia Richards um outro inglez que fazia pela primeira vez em Portugal uma viagem de recreio; não percebendo nada de portuguez conservava-se serio e indifferente no meio da animação geral.

— Oh! João, dizia D. Esmenia a um dos latagões, leve esse leitão ali ao sr. prior para trinchar, elle é entendedor. Tenha paciencia, padre Manoel.

— Sempre ás ordens, minha senhora, ordens de v. ex.ª cumprem-se sempre com agrado e estas especialmente.

O padre levantava-se dispondo-se para atacar com pericia o difficil trabalho.

— Ande lá, do perú me encarrego eu, e tu Gonçalves, vae cortando essa perna de vitella.

O filho do brazileiro, todo almiscarado, dizia para o visinho, o filho do sr. Richards, que em Portugal se comia bem.

— Yes, estar pórtuguises bons comedores, concordava elle plenamente.

Ia terminando o jantar, entravam na sobre-mesa, faziam-se saudes.

O prior deliciava-se gulosamente com um pastel de

Villa Real; a ingleza já não tinha a face pallida e aos tres inglezes, serios e graves, parecia que o sangue lhes queria rebentar por baixo da cutis polida.

A ingleza e D. Esmenia levantaram-se e passaram á sala proxima, onde lhes era servido o café.

Immediatamente houve nos inglezes uma transformação completa; tornavam-se communicativos, punham-se á vontade. O sr. Richards pedia mais vinho, do de trinta e quatro, ser muito bom vinho, dizia elle.

O filho perguntava ao visinho que taes eram as pequenas do sitio.

— Nada de geito — respondia o filho do brazileiro, como entendedor — e alguma coisita melhor leva muito tempo a domar.

— Domar! estar boa palavra essa, domar, yes. E ria satisfeito.

O *touriste* saboreava uns atraz dos outros os calices de vinho, contemplando atravez da janella fronteira o bello tom de purpura do poente.

Ia anoitecendo, os creados traziam serpentinas com luzes.

— Gostou da linha ferrea, sr. Richards? interrogou o boticario.

— Oh! yes; muita pittoresca, mas viagem incommoda.

— Sim? Porquê?

— Eu lhe conto. Mais trinta e quatro, sr. Gonçalves. Nós ir a todo o vapor, mim olhar margens do rio, very encantador, yes; entam... mim ouvir apitar outro comboia, ficar aterrado; espreitar atrave da portinhola, outro comboia vir fumegando a tod

vapor contra nós. Oh! ficar seriamente atrapalhado, yes.

Entam... mim berrar, berrar! Ninguem ouvir. Nosso comboia, rallentar andamento e parar pouco depois. Entam... mim sahir rapidamente, estar estribo de carruagem muito alto, mim não calcular com precipitação de fuga, ves; entam... mim rolar a todo comprimento talud abaixo, parar n'um rego da agua, entrar agua por minha cabeça e sahir por meus pés.

— Ora essa! dizia o boticario rindo ás gargalhadas.

— Oh! não estar muita para rir.

— Sim, o sr. não devia ter muita vontade de rir, não. Mas explique lá, como foi isso, houve choque?

— Non choque. Havia grande peneda sobre a linha, outro comboia, vir para trasbordo de passageiros.

— E depois?

— Entam... mim passar a outro comboia, tirar roupa de mala, despir toda minha roupa molhada.

— N'esse caso ficou nú!

— Yes, inteiramente nú. Vestir roupa nova e ficar muita bem.

— Pois senhores, é original, dizia o prior saboreando um segundo pastel e terceiro calix de vinho.

O *touriste* resonava enterrado na cadeira, a face congestionada; o sr. Richards pedia mais vinho, do de trinta e quatro, e o filho, muito bebedo, dava murros em cima da mesa, dizendo que não havia em todo o orbe, homens como os inglezes.

O *touriste* acabára por escorregar e cahir para baixo da mesa.

*

Era noite havia muito.

As salas, brilhantemente illuminadas, enchiam-se de damas e cavalheiros. O boticario sentado ao piano martellava uma polka, os pares redomoinhavam contentes, as mamãs, solidas matronas, cochichavam entre si, sentadas ao longo das paredes, e seguiam com o olhar satisfeito as filhas no seu parecer tão gentis.

No escuro d'uma das portas espreitavam curiosas as cabeças das creadas.

N'outra sala, uns velhotes jogavam o voltarete, rodeados d'outros que, rubicundos, discutiam as asneiras dos jogadores, com grande arreiia dos mesmos.

No gabinete contiguo, ao centro, de pé, o filho do sr. Richards, com uns vagos fumos ainda da bebedeira ultima, desafiava os circumstantes um por um á luta braço a braço.

—Oh! mim vencer todos Pórtuguizes, dizia no meio da casa, de pernas abertas, o olhar insolente, victorioso. Pórtuguizes não preste para nada.

Todos se voltaram então para um homem de cincoenta annos que fumava pachorrento no seu cachimbo a um canto do sofá.

— Ó Fonseca, entre-me com elle, vá lá você, ande... diziam todos.

— Nada, não sr.; isto já não vale nada, foi tempo, foi tempo!...

— Ora adeus, salte para o meio da casa, e puxavam-lhe pelos braços e levantavam-n'o á força.

— Emfim, vá lá, mas olhem que já não presto para nada.

Era um homem de estatura mediana, hombros largos, magnificos olhos pretos, muito moreno, comprida barba grisalha. Contavam-se d'elle casos extraordinarios de força.

— Oh! sr. Fonseca quer luta commigo? Estar homem vencido.

— Vamos lá a vêr isso.

E o Fonseca estreitava contra o largo peito o filho d'Albion.

— Olhe lá, sr. inglez, escolha a taboa.

— Escolha taboa? Para quê?

— A taboa onde quer cair.

— Oh! dizia indignado o inglez, unindo-se bem com o adversario. Fonseca porém abarcára o corpo musculoso do inglez, e, torcendo-o entre os braços robustos, como se fôra um vime, estatelava no meio do chão, entre uma gargalhada geral, o adversario que, de barriga para o ar, o olhava estupefacto, d'olhos muito abertos.

— Assim é que elles se ensinam, meu *bife*, resmungava o Fonseca indo de novo sentar-se pachorrento ao canto do sofá.

Affonso Botelho.

# Naufragio...

Esse beijo longo, a arder,
Que te dei, hontem, na bocca,
Fez-me surgir, podes crêr,
Uma ideia extranha e louca
Cheia de amargo prazer!

N'esse beijo sensual,
Eu vi, amor, o presagio
D'um enorme vendaval...
E receei um naufragio
Nos teus labios de corál...

Mas, de repente, o luar,
Vendo coragem tão pouca,
Veio bater sobre o mar
Que era o ceu da tua bocca!

Ai como é bom naufragar!...

Mario Monteiro.

# ESPERANÇA

(A mademoiselle Elisa Fernandes Gomes)

## Motte

Elisa, nobre sereia,
Que me canta dentro d'alma;
Luz que em meu peito se ateia,
Luz que em meu peito se acalma.

## Glosas

Teus meigos olhos brilhantes,
Tens como o viço das rosas
Scintilações maviosas,
Scintilações fulgurantes.
Ha p'ra mim certos instantes,
Em que me foge a ideia,
Em que o meu espirito anceia,
Par'cendo vêr uma estrella,
Ao pensar em ti, que és bella,
Elisa, nobre sereia.

Noute escura, sem luar,
São teus olhos noute escura;
Os teus braços, sepultura,
Onde eu quero ir acabar.
Tu lembras-me um grande mar,

Em que a lua plena e calma,
Me desenhasse uma palma
Com o teu nome adorado,
O teu nome idolatrado
Que me canta dentro d'alma.

Não sei quaes são mais p'rigosas,
Se as alegrias, se as penas;
Illuminado a açucenas
Lembras um jardim de rosas,
Em que doces mariposas,
De coração que incendeia
Me dissessem: não és feia,
O teu rosto é divinal,
Tens no corpo virginal
Luz que em meu peito se ateia.

Tu cantavas, fui ouvindo
O teu meigo soluçar;
Deve morrer a cantar
Quem abre os olhos sorrindo;
O teu dom, prazer infindo,
Faz deleitar a minh'alma,
Que ardendo em brilhante calma
Pelas tardinhas de Agosto,
Só vê a luz do teu rosto,
Luz que em meu peito se acalma.

Abel Aguiar Otêda.

## Da Ceia dos Cardeaes

CARDEAL DE MONTMORENCY ao CARDEAL GONZAGA, *que pensa, n'uma attitude d'extase*

A Eminencia que diz?

CARDEAL RUFO, *acercando-se tambem do* CARDEAL GONZAGA *e tocando-lhe nas costas*

Em que pensa, cardeal?

CARDEAL GONZAGA, *como quem acorda, os olhos cheios de luz, a expressão transfigurada*

Em como é differente o amor em Portugal!
Nem a phrase subtil, nem o duello sangrento...
É o amor coração, é o amor sentimento.
Uma lagrima... Um beijo... uns sinos a tocar. .
Um parsinho que se ajoelha e que se vae casar...
Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflóra:
Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chóra!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portugueza!
Tecer de sol um beijo e desde tenra edade
Ir n'esse beijo unindo o amor e a amisade,
N'uma ternura casta e n'uma estima sã,

Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
Fazer vibrar o amor em cordas mysteriosas,
Como se em communhão se estendessem as rosas,

Como se todo o amor fosse um amor sómente...
Ai, como é differente! Ai, como é differente!

CARDEAL RUFO

Tambem Vossa Eminencia amou?

CARDEAL GONZAGA

Tambem! Tambem!
Pode-se lá viver sem ter amado alguem!
Sem sentir dentro d'alma — ah, podel-a sentir! —
Uma saudade em flôr, a chorar e a rir!
Se amei! Se amei! — Eu tinha uns quinze annos apenas,
Ella treze. Um amor de creanças pequenas,
Como uma nuvem d'ouro ao abrir da manhã...
Era minha priminha. Era quasi uma irmã.
Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fosse...
Mas que profundo olhar, e que expressão tão dôce!
Chamava-lheu eu, a rir, a minha mulhersinha...
Nós brincavamos tanto! Eu sentia-a tão minha!
Toda a gente dizia, em pleno povoado:
«Não ha noiva melhor para o senhor morgado,
Nem em capella antiga ha santa mais santinha...»
E eu rezava, baixinho: E' minha! E' minha!

Quanta vez, quanta vez, cançados de brincar,
Ficavamos a olhar um para o outro, a olhar,
Todos cheios de sol, offegantes ainda...

*N'uma grande expressão de dôr*

Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda...
E uma noite. a minha alma, minha luz .. morreu!

*N'uma revolta angustiosa*

Deus se m'a quiz tirar, p'ra que foi que m'a deu?
Para quê! para quê!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao vel-o ergue-se, amparando-o*

Oh! Eminencia. .

CARDEAL RUFO, *curvando-se, tambem para o amparar, commovido*

Então!

CARDEAL GONZAGA

Ai! Pois não via, Deus, que eu tinha coração?

CARDEAL RUFO

Eminencia!

CARDEAL GONZAGA, *cahindo sobre a mesa, a soluçar*

Não via! Ai, não via! Não via!
Cuidou que d'um amor outro amor refloria,
E matou-me... E matou-me!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eminencia...

CARDEAL GONZAGA

Afinal,
Foi esse anjo ao morrer que me fez cardeal!
E eu hoje sirvo a Deus, ao Deus que m'a levou...

CARDEAL RUFO *a* DE MONTMORENCY, *limpando uma lagrima furtiva, emquanto as onze hóras soam no Vaticano*

Foi elle, de nós tres, o unico que amou!

JULIO DANTAS.

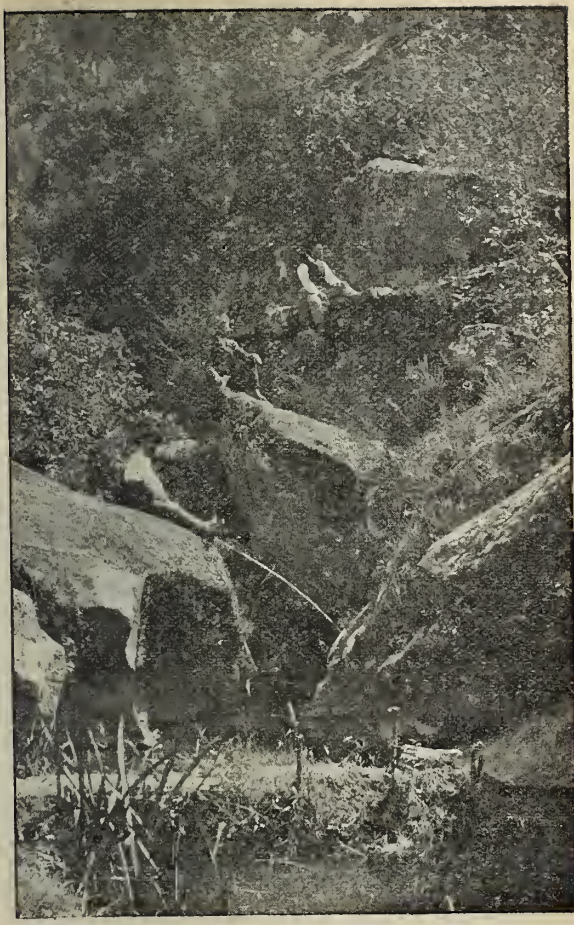
## A BEIRA

Quem discorrer sósinho, n'uma tarde do estio por essas estradas ermas e caladas da Beira, quasi todas encerradas entre paredes elevadas de schistos, sente fatalmente uma impressão singular, que não experimentou ainda nos demais caminhos percorridos em qualquer outra parte do paiz. Se ha estradas tristes sob o sol glorioso e o lindo céo de Portugal, são as d'aquella velha provincia cheia de rudeza. Nenhum ruido interrompe o silencio monotono que reina na paizagem, parecendo que tudo em volta está exhausto e morto. O espirito é absorvido, por isso, pela sensação aterradora da grandeza solitaria da natureza e da sua indifferença aggressiva pelo fluxo e refluxo da existencia dos homens. No mar, sobre a tolda de um navio, a consciencia, que a todos sobresalta, do nada da vida, quando na nuvem fuzila o raio e ulula a tempestade e quando a onda se ergue embravecida e furiosa, não incute um tão fundo desalento como o que, sem razão aparente, nos accometeu nas horas em que peregrinámos pelos recantos sombrios da Cova da Beira. O coração tranzia-se pela suggestão amargurada d'aquellas terras desoladoras de silencio.

Em uma ou outra das duas Beiras é, assim, por

quasi toda a parte, a mesma aborrecida e invencivel melancholia da Campania italiana, e as povoações teem ares pesados, conservando um caracter de inerte ancianidade. A propria habitação é caracteristica: casas velhas, construidas de pedra negra, mal telhadas, offerecendo o maior desconforto, muitas vezes sem revestimento interior de cal e ainda mais sem elle exterior. Além d'isso, todos os velhos habitos se teem mantido, tenazes, enraizados no duro solo beirão como as arvores seculares, que ainda subsistem da plantação primitiva. De facto, na Beira só muito modernamente é que se nota a tendencia para satisfazer ás exigencias da civilisação, e só agora algumas localidades principiam a transformar-se, como, por exemplo, succede com Villa Nova de Oliveirinha, cujos progressos e melhoramentos, celebrados ha poucos dias com uma festa local, foram encetados desde quatro ou cinco annos apenas.

Tanto a Beira Alta como a Beira Baixa são, comtudo, das terras mais abundantes, e até ricas, do paiz, e as condições economicas e sociaes da existencia são, egualmente, tanto nas cidades como nos campos, superiores ás da maioria das outras terras de provincia. A Covilhã, com as suas numerosas fabricas e grande actividade industrial, é a Manchester portugueza. Começou na baixa, por pequeno povoado; desenvolveu-se, e subiu a encosta da serra, por entre as ribeiras da Carpinteira e Degoldra, sobre cada uma das quaes lançou sua ponte de cantaria. As outras cidades, principalmente Castello Branco, capital da Beira Baixa, e Vizeu, capital da Beira Alta, são



Sunhos

todas importantes e de largos recursos. A producção agricola, devido á fertilidade da terra e á intensidade do cultivo, é por todos os lados opulenta e preciosa, assegurando geralmente o bem estar das localidades ruraes.

E', pois, na realidade, a rudeza e a monotonia da paizagem, a soturnidade dos valles cavados fundo entre as montanhas, que dão essa impressão angustiosa que se infiltra em nós subtilmente. Quer, porventura, dizer isto que não haja nas duas Beiras sitios pittorescos e formosos trechos panoramicos? Bem longe d'isso. Não conhecemos até terra alguma, de um a outro extremo do paiz, que possua mais amplas perspectivas do que a parte montanhosa da Beira. Quem subir, por exemplo, n'uma tarde clara de outomno a qualquer dos contrafortes da serra da Gardunha e contemplar a linha imponente das montanhas, ha de extasiar-se com certeza na admiração d'esse magestoso panorama. Mesmo, as dezenas de hectares de gigantescos castanheiros, mandados plantar por D. Diniz, offerecem, por si, nas faldas da serra um quadro admiravel.

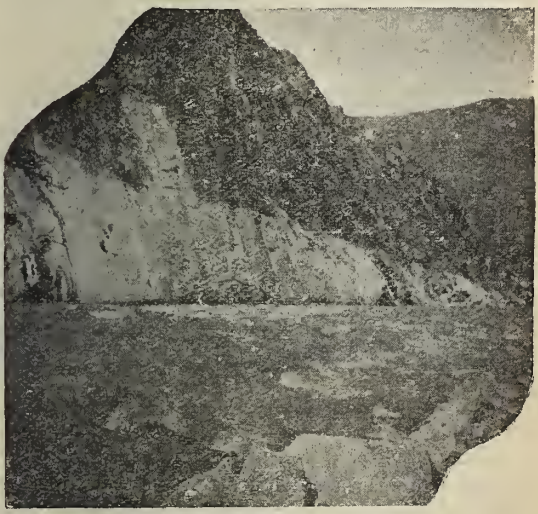
Não ha, porém, direito de citar outras serranias da Beira, quando n'ella elegeu o seu solar o maior macisso montanhoso do paiz, — esse magnifico monte Herminio, cujo pincaro mais elevado, o Cantaro Delgado, se ergue ainda acima de 2.500 metros, mais de metade da altura do Cervin. Os que fizeram já a ascensão da Serra da Estrella e escalaram o seu vertice, são só os que podem comprehender as sensações grandiosas que o espirito ahi experimenta. Para as

Carreira de Fontellos

descrever aqui seria necessario ter ao menos uma parte do segredo do estylo d'esses maravilhosos pintores dos Alpes que foram Toepffer, Saussure, Tyndall ou Javelle. A vista que do Cantaro Delgado os olhos alcançam, é absolutamente extraordinaria. Do lado do norte é o quadro inteiro da Beira Alta; do do sul o Fundão, toda a Cova da Beira, Abrantes, o Tejo até bem perto de Lisboa, e ainda uma parte do Alemtejo e da Extremadura; do lado da Hespanha a enorme eminencia da Sierra Nevada; e do oposto um vasto trecho da provincia do Douro até á Figueira e ao mar.

E não deixa de ser motivo para despertar justificado espanto que n'um paiz que possue essa bella e imponente montanha, em que ha já altitudes de acésso laborioso e dificil, não exista sequer um club de alpinistas. De resto, a pobresa da nossa litteratura, no genero, parece denunciar que não se conhece em Portugal a paixão da montanha. Diz-se que os brahmanes da India antiga passavam mil annos sem comer nem beber, empolgados pelo extase, nas altas solidões do Himalaya. Não se produzem hoje em dia taes milagres; mas o sentimento impressionante da belleza alpestre não deve ter morrido de todo, por certo, na alma do homem. Nos cimos elevados, em frente dos grandes horisontes, cercado de ar limpido e de luz brilhante, no meio de tantas coisas puras e fortes, é impossivel não se experimentar as mais vivas commoções, e os que subiram já aos vertices da Serra da Estrella não esquecerão mais a intensidade e o encanto dessas commoções.

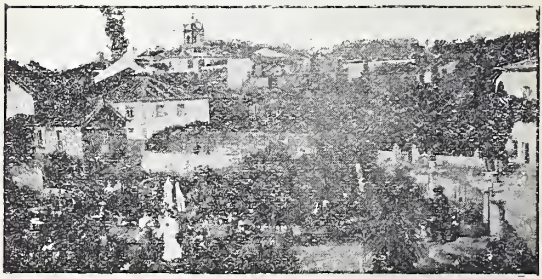
Das cidades beirãs a mais famosa é, sem duvida, Vizeu, pela sua vetusta idade, pela sua importancia no tempo dos romanos e ainda pela sua historia moderna. Situada entre os rios Dão e Vouga, na margem



Cachão da Valleira

esquerda do Pavia, — o celebrado Pavia do poeta Thomaz Ribeiro, — reveste uma pequena collina, descendo pelas suas faldas e espraiando-se depois pelos campos adjacentes. A sua fundação perde-se na noite dos tempos, tendo, por isso, uma grande riqueza epigraphica e de monumentos prehistoricos, estes ulti-

mos denominados «orcaś» na Beira. De todas as numerosas curiosidades locaes, sob este ponto de vista, a que mais interesse desperta aos forasteiros é a famosa Cava de Viriato, a que anda ligada a tradição do heroe lusitano. A historia de Vizeu é igualmente cheia de paginas especialmente interessantes pelas varias invasões que soffreu e pela larga serie de fa-



Jardim da Oliveirinha, com parte da Villa ao fundo

ctos guerreiros que a preenchem. Foi, além d'isso, côrte temporaria de alguns reis de Leão, e lá residiram tambem, em diversos periodos, D. João I e outros dos nossos. N'ella se reuniram côrtes por mais d'uma vez. A todos estes meritos, Vizeu junta o de ser uma das terras de maior nobreza do paiz, séde de grande numero de casas fidalgas, umas extinctas e outras ainda com brilhante representação.

Em poucas cidades do paiz haverá tantas romarias como em Vizeu. Fazem-se a Santa Luzia, uma no outeiro do seu nome e outra em Abravezes; a S. Pedro,

em Esculca; á Senhora das Candeias, no Carvalhal; a Santa Barbara, em Paschoal; etc, etc. O que anima as romarias vizienses é o «estrondo», extraordinaria orchestra composta de rabecas, pifanos, viola, ferrinhos, bombo, e uma folha de serra, que acompanha os bailados e descantes dos romeiros. Affirmam os auctores do *Portugal Antigo e Moderno:* «Temos cruzado em todas as direcções o nosso paiz e conhecemos os seus descantes populares. Na Beira Baixa e no Alto Alemtejo vimos com surpreza os adufes, herdados talvez dos herminios, mas só aqui encontramos as folhas de serra nos descantes populares.»

Santa Luzia, cujo caracter pagão se desenha nitidamente, é uma das santas de maior devoção na Beira, sendo numerosas as romagens que por toda a parte lhe fazem. Reproduzimos em seguida, por serem ineditas, as seguintes cantigas da romaria á Santa Luzia da ermida do Castellejo, que se realiza no Fundão em 15 de setembro:

**Na ida**

Senhora Santa Luzia,
Visinha do Castellejo,
Dae-me vista aos meus olhos,
Qu'eu estou cego e não vejo.

Senhora Santa Luzia,
Feita de páo de canella,
Dae-me vista aos meus olhos,
Qu'eu me vou de cá sem ella.

Senhora Santa Luzia,
Visinha do Castellejo,
Dae-me vista aos meus olhos
Que é o que eu mais desejo.

**Proximo da ermida**

Senhora Santa Luzia,
Já cá vamos á ladeira,
Deitae a pombinha fóra (1)
Que venha *aboar* á ribeira.

**Na volta**

Senhora Santa Luzia
De costas me vou a virar,
Lá me fica o coração
Preso no vosso altar.

As festas populares d'esta provincia apresentam quasi sempre uma feição sua e inconfundivel. Tal é, por exemplo, em Vizeu, a romaria ao S. João Baptista da capella de Vil de Moinhos, com a sua numerosa e exotica cavalgada. A mais singular de todas, e particularmente digna de citar-se pelo seu excepcional interesse folklorico, é, porém, a dança da aranha e dos alfaiates na Beira Baixa. O sr. Adolpho Coelho, ocupando-se, em uma revista scientifica especial, da tradição, quasi obliterada em Portugal, e transfigura-

(1) A Santa é representada na imagem do Castellejo com uma pomba na mão.

da pelo tempo nos seus parallelos europeus que deu origem ao proverbio vulgarissimo — Sete alfaiates para matar uma aranha — informava no fim do seu artigo: «No Fundão havia um divertimento popular em que uma aranha d'arame era levada num andor, avançando contra ella os sete alfaiates armados de thesouras. Diziam úns versos que me não foi possivel obter.» Podémos alcançar uma lição d'esses versos, de Aldeia Nova do Cabo, que, pela sua originalidade, não resistimos á tentação de apresentar aqui:

Senhor mestre alfaiate,
Que é aquillo qu'alem vimos?
— Todos dizem qu'é aranha,
E nós d'ella fugimos.

Senhor mestre alfaiate,
Mande-nos dar de jantar;
Já temos a obra feita,
Queremos ir andar.

— Venham cá os meus officiaes,
Com toda a moderação.
— Acudimos ao nosso mestre
Qu'está em grande afflicção.

Senhor mestre alfaiate,
Tendes cara de madama,
Tudo é aceitar a obra,
Deitar-nos em má fama.

Senhor mestre alfaiate
Nós não temos que fazer;
Vênha talhar a obra,
Para entrarmos a cozer

Senhor mestre alfaiate,
Nenhum de nós tenha mêdo,
A aranha está metida
No *mefêdo(?)*

Senhor mestre alfaiate,
Nós não querêmos mais nada:
Queremos ver a aranha
Qu'alem está amarfalhada.

Senhor mestre alfaiate,
Tendes testa de carneiro;
Tudo é aceitar a obra
Sem nos querer dar dinheiro.

Senhor mestre alfaiate,
Todos postos em campanha,
Com agulhas e tesouras,
P'ra matar aquella aranha.

Senhor mestre alfaiate,
O rugido qu'alem vem
Todos dizem qu'é aranha,
Qu'ella pilhados nos tem.

Estes versos eram cantados nos terreiros, e nas ruas á porta das casas das pessoas principaes, onde

parava a dança, que se realisava só em certos dias de maior consideração no calendario popular beirão, como, por exemplo, o domingo de Paschoa, o dia de S. João, etc. Saíam os sete alfaiates, isto é, sete individuos escolhidos para representar esse papel, pelas ruas da terra, conduzindo os bancos e os aprestos da profissão, e acompanhados por um carro pequeno, coberto e cheio de hera, — o andor, aonde ia a aranha de arame. Nos sitios em que paravam sentavam-se nos bancos a trabalhar, ao som das cantigas transcriptas, e quando aparecia a aranha, saíndo á frente do carro enfeitado, empurrada ou puchada de qualquer fórma pelo respectivo conductor, os sete personagens erguiam-se e arremetiam com as thesouras para a frente.

O sr. Adolpho Coelho procurou estabelecer aproximações entre a tradição portugueza e outras estrangeiras em que figuram cobardes fanfarrões, como os sete suabos de um conto dos Grimm, atacando animaes que são conhecidos pela sua timidez. O proverbio, na sua intenção corrente, assume effectivamente o mesmo significado ridiculo da comparação litteraria do famoso ataque de D. Quixote contra os moinhos, que lhe pareceram gigantes. Mas, a sua interpretação parece dever ser muito differente quando lhe vasculhamos a origem mythica. Apesar da sua fama de poltroneria ter corrido em julgado, o certo é que em varios contos tradicionaes figura um alfaiate como heroe, e um distincto mythographo naturalista dá-nos a explicação etymologica d'este caso singular. O *Schneider* germanico, isto é, o alfaiate da nossa ver-

são, seria simplesmente o Kronos helleno, e, partindo d'esta hypothese, a personificação do phenomeno natural da luz nascente reconhece-se facilmente. A noite é um ser malfasejo, que no mytho é muitas vezes representado sob a fórma de animaes diversos, de resto. No nosso caso, a teia fabricada pela aranha simbolisaria o véo que encobre a luz do dia, e o alfaiate seria o deva incumbido de rasgar esse véo tenebroso da noite com a sua thesoura. A raiz grega de Kronos é *kaar*, cortar. D'este modo a dança popular beirã teria raizes bastantes fundas no terreno da antiguidade pagã.

# Charadas, enygmas e acrosticos

## CORRESPONDENCIA

*A todos os charadistas.* — O acrostico que sahiu sem conceito fica sem valor. O seu auctor que nos desculpe.

*Padre Eterno* (Obidos). — A decifração da charada cambiada é inverter as letras. *Ex.:* Trapo-tropa.

*M. Legnar.* — Idem.

*M. Legnar.* — As letras mais salientes da charada «Arte Nova» teem que formar uma oração, para o que serve de conceito a palavra que na mesma vae em italico.

*Luar.* — Póde, sim senhor.

*Azuos.* — As charadas em phrase que nos mandou em fórma de acrostico ha de convir que só n'uma columna d'um jornal é que poderiam caber. Ou quererá que se transporte um acrostico?!

Pedimos-lhe que seja mais charadistico na confecção das suas producções. São facilimas.

LOGAR DE HONRA

3.º VOLUME

*PADRE ETERNO — 18 DECIFRAÇÕES*

2.º concorrente

## Enygmas

**TYPOGRAPHICOS.** 175

*(Thurdes).*

176

Suspende HOMEM Aqui

*(Oriebir).*

177

N
tu Nota Q clarão vogal ANIMAL—t

*(Thurdes).*

**PARONYMO.** 178

Goso a posse — 2.

*(Gerimulhe).*

**POR INICIAES.** 179

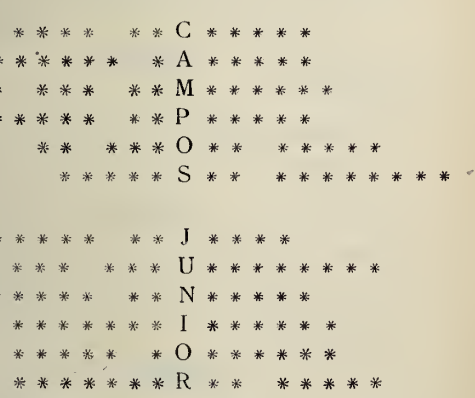
| Q | M | F | P | A |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 2 | 2 | 3 |

*(R. Santos).*

**ACROSTICO.**

180

Ao apreciado escriptor



Obras do mesmo escriptor

*(D. Chicote).*

## Charadas

**DUPLAS.**

181

Não é absolutamente nada elegante — 2.

*Mafra.* *(Alejoal).*

*

182

Os bombeiros teem este appellido — 3.

*(Simanito).*

183

Se jogo este jogo é para disfarce — 3.

*(Dperofer).*

**ELECTRICAS**

184

A caminho da ribeira — 2.

*Mafra.* *(Alejoal).*

*

185

Encho de terra o valle? — 3.

*(Morgan).*

*

186

Um vereador romano teve um duello — 2.

*(Rambaco).*

*

187

Finda esta bananeira — 3.

*(Badameco).*

**AUGMENTATIVA.**

188

A deusa ia n'um coche pequeno — 2.

*Mafra.* *(Alejoal).*

**METAMORPHOSES.**

189

Omitto a arvore — 2 (D T).

*(Sósinho).*

190

Chouriços d'aves — 2 (P G).

*Espinho.* *(Fausto Neves).*

*

191

A Padre Eterno

Esta terra é terra — 2 (B N).

*(Dperofer).*

**EM PHRASE.**

192

Basta!... Seja generoso e com benevolencia—2-1.

*(Badameco).*

193

## ENYGMA PITTORESCO

*(Noviço).*

# Mappa demonstrativo das decifrações do 3.º volume

| Numero de ordem | DECIFRADORES |
|---|---|
| 32 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Néves, Gerimulhe, Bohémio. |
| 33 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Simanito, Bohémio. |
| 34 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Bohémio. |
| 35 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Bohémio. |
| 36 | Gerimulhe. |
| 37 | Padre Eterno. |
| 38 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 39 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Simanito, Dperofer. |
| 40 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 41 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 42 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 43 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 44 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gemulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 45 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Gerimulhe, Bohémio. |
| 46 | Simanito, Dperofer |

| Numero de ordem | DECIFRADORES |
|---|---|
| 47 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 48 | Alejoal. Padre Eterno, Camillo, Fausto Neves, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 49 | (Não decifrado). |
| 50 | Alejoal, Padre Eterno, Fausto Neves, Gerimulhe Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 51 | Alejoal, Simanito, Dperofer. |
| 52 | Padre Eterno, Fausto Neves, Gerimulhe, Simanito, Dperofer, Bohémio. |
| 53 | Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Simanito, Dperofer. |

## Recapitulação

| | |
|---|---|
| Padre Eterno | 18 |
| Alejoal | 17 |
| Gerimulhe | 16 |
| Camillo | 15 |
| Simanito | 15 |
| Dperofer | 14 |
| Bohémio | 14 |
| Fausto Neves | 12 |

# AGUA
# CASTELLO

Minero gazosa lithinada natural de Moura. Refrigera os sãos e cura os doentes. Premiada em varias exposições. Vende-se em toda a parte.

Deposito geral RUA DA CONCEIÇÃO, 123

ASSIS & C.A

FORNECEDORES DA CASA REAL

TELEPHONE N.º 880

# Arte culinaria

*O que as donas de casa devem saber*

O que em seguida dizemos não é propriamente arte culinaria, mas com ella relação.

Para que uma refeição nos agrade, não basta que esteja magnificamente bem preparada sob o ponto de vista strictamente culinario; é preciso tambem que o arranjo da meza não nos fira a vista de maneira desagradavel. Uma boa dona de casa deve por isso saber dispôr com elegancia sobre a meza os utensilios necessarios á refeição.

A toalha deve ser de uma alvura irreprehensivel e não deve assentar directamente sobre a madeira da meza. Entre uma e outra entrepõe-se um cobertor de baetilha de algodão, o que não só dispensa os resguardos usados para evitar que o calor das vasilhas estrague o polimento da meza, mas dá aos convivas um contacto com a meza mais doce e agradavel. Sobre as toalhas usa se modernamente, a meio da meza, um tapete rectangular, de linho ou algodão, de uma côr esbatida e bordado, a que se dá o nome de *chemin de table*.

Os guardanapos devem satisfazer ás mesmas con-

dições de alvura e em algumas mezas mais *chics* apresentam-se dobrados em fórmas caprichosas, o que dá á meza um aspecto magnifico. Para se lhes dar essas fórmas é preciso todavia passal-os por gomma, o que os torna de uma dureza muito desagradavel a quem d'elles tem de servir-se.

Ao meio da meza colloca-se o *centro* com fructas e, symetricamente, os pratos com outras sobremezas, saleiros, pimenteiros e paliteiros.

Os copos para agua e para vinho dispõem-se á direita e um pouco para a frente dos pratos destinados a cada conviva e que nunca devem ser mais de tres, excluindo o da sopa que se não colloca antecipadamente.

As conservas de legumes, as azeitonas, os rabanetes, etc., distribuem-se pela meza em pequeninos pratos ao alcance dos commensaes.

O vinho de pasto põe-se em garrafas brancas, tambem dispostas symetricamente em relação ao centro da meza Os outros vinhos dispõem-se no aparador pela ordem porque devem ser servidos e nas garrafas em que se conservam nas adegas.

A sopa é servida pela dona da casa, auxiliada pela creada, á qual compete collocar o prato respectivo sobre os pratos que estão deante de cada conviva, fazendo-o pela esquerda d'este.

As iguarias que necessitam ser trinchadas devem ser levadas para a meza depois d'essa operação feita, apresentando-as como se estivessem inteiras, o que é um pouco difficil e exige alguma pratica.

A ordem por que devem ser servidas as iguarias é

a seguinte: sopa, peixes, entradas de carne, d'aves ou de caça, entradas frias, assado e salada, entremeios de legumes, entremeios doces, queijo e fructas.

A distribuição dos vinhos não póde sujeitar-se a regras fixas, mas a mais geralmente usada é a seguinte:

Em seguida á sopa Madeira secco; com o peixe um vinho branco, Bucellas, Salvaterra, etc.; em seguida os vinhos de pasto Collares, Torres ou Verde; ao assado *champagne* e com os doces Porto velho ou Moscatel de Setubal.

## Qualidade das carnes

A carne de boi quando é boa, apresenta um tom vermelho carmezim, é de febra tenra e a gordura amarellada.

Se, premida com os dedos, se levanta rapidamente, é de boa qualidade; se, pelo contrario, as depressões feitas pelos dedos permanecem ou desapparecem lentamente deve concluir-se que é de má qualidade.

A carne de vacca é um pouco mais clara, de febra mais consistente e a gordura esbranquiçada.

Quando a carne provém de bois doentes, velhos ou mal alimentados, apresenta um tom vermelho escuro muito pronunciado e a gordura muito rija.

A carne de vitella é de côr rosada. O vitello de boa creação e morto recentemente tem os rins envoltos n'uma gordura branca e rija.

A carne de carneiro para ser boa deve ter um tom de côr, intermedio ao da de boi e de vitella, com a fe-

bra unida, e a gordura branca e rija, separando-se facilmente da carne.

Se a carne apresentar um tom muito claro, com a gordura amarellada, e se desaggregar facilmente dos ossos, deve rejeitar-se, porque não presta.

A carne de porco que tenha a pelle secca e cuja gordura não mostre glandulas, póde considerar-se boa.

A boa qualidade d'um presunto aprecia-se pela clareza da pelle, rijeza de gordura e pela côr vermelha clara, sem laivos amarellados, da carne, e sua adherencia forte ao osso.

Dando-se no presunto um golpe perpendicular ao osso e até este, se á faca vierem adherentes pequenas particulas de carne, ou se do golpe se exhalar cheiro desagradavel, é porque não está em bom estado.

# Os grandes paizes e as grandes cidades

## Imperio colonial inglez — Africa do Sul

Com o fito na exploração da India e mais tarde do Brazil, nunca os portuguezes fizeram grande caso do continente africano, até á perda d'aquelles dois imperios. Perdida a India voltaram-se para o Brazil e só quando este proclamou a sua independencia é que começaram a lançar os olhos para o continente africano. Era porém bastante tarde. O cabo da Boa Esperança que, pela sua situação geographica e pelo seu magnifico clima, era a melhor região da parte do continente descoberto pelos portuguezes, estava, havia muitos annos, sob o dominio estrangeiro. Em 1650 estabeleceram-se ali os hollandezes sem opposição alguma; soldados, marinheiros, funccionarios, aventureiros, commerciantes, etc., que, de passagem para a India, acharam a região attrahente e ali se foram estabelecendo, e a que mais tarde, em 1687, se juntaram umas 200 ou 300 familias francezas, calvinistas, homisiadas em consequencia da revogação do edicto de Nantes, constituiram o nucleo da colonia hollandeza do Cabo da Boa Esperança, da qual os inglezes se apoderaram no principio do seculo passado durante as guerras do primeiro imperio, entrando defi-

nitivamente na sua posse pelo tratado de paz de 1815. Hollandezes e francezes misturaram-se rapidamente, uns e outros cruzaram com os indigenas, porque a principio eram raras as mulheres brancas no Cabo, allemães e dinamarquezes que successivamente foram chegando á nascente colonia, misturaram-se tambem rapidamente com os que já lá encontraram estabelecidos; a resultante d'essa miscellanea foi a população que os inglezes encontraram no Cabo, quando d'elle se assenhorearam, e cujos individuos ficaram sendo designados pelo nome de *boers* que em hollandez quer dizer camponezes, designação que na realidade era justa, porque essa população dedicava-se quasi exclusivamente ás explorações agricolas.

Os *boers* não acceitaram de bom grado o dominio inglez. A seccura dos planaltos do Cabo e a consequente necessidade de se deslocarem frequentemente para terras distantes que lhes fornecessem pastagens para os gados que creavam em grande quantidade, foi-lhes incutindo pouco a pouco habitos nomadas. O resultado foi que alguns milhares de *boers* preferiram procurar para o norte novas terras onde se estabelecessem, a soffrer o dominio inglez. Iniciaram então a sua emigração para o norte dirigidos por alguns chefes energicos, atravez dos montes Drakenberg, de mil perigos e combates com os cafres, deixando atraz de si um rasto sangrento, uma longa fila de cadaveres, homens, mulheres e creanças massacradas em ciladas que lhes armavam os cafres, chegando ao Natal extenuados, semi-mortos de cansaço e fadiga. Fervorosos leitores da Biblia quantas

Carro BOER, atravessando um rio

vezes não se teriam elles comparado, na sua heroica caminhada por montanhas e planicies aridas e seccas, ao povo eleito de Deus em demanda da Terra de Chanaan? E o Natal devia ter parecido, a esse desgraçado mas energico povo, uma verdadeira Terra da Promissão com as suas collinas verdejantes, bosques espessos, abundantes torrentes de agua crystallina e o seu magnifico clima. Ahi fundaram a primeira povoação da futura colonia que ficou sendo a sua capital e a que deram o nome de Pietermaritzburgo, da conjugação dos nomes dos seus dois mais energicos chefes, Pieter Rêlief e Maritz. Não lograram porém estes infelizes gosar por muito tempo a sua nova patria; os inglezes, dando largas á sua expansão poderosissima, começaram a affluir ao Natal em grande numero e em 1842 já a colonia estava sob o seu dominio effectivo. Novamente alguns milhares de *boers*, mais ardentes e amigos da sua independencia, recomeçaram a sua vida errante e, transpondo de novo a cordilheira de Drakenberg, foram estabelecer-se nos planaltos um pouco frios e seccos entre o Orange e o Vaal, fundando o Estado Livre d'Orange. Mas em 1848 a Inglaterra insaciavel e que parecia ter o proposito firme de perseguir o povo *boer* em toda a parte para onde elle fosse, apoderou-se da nova republica, restituindo-lhe todavia a independencia em 1854. Se os inglezes porém mostravam tão grande tenacidade na perseguição, o povo *boer* não a mostrava menor na recusa á sujeição a dominio estranho, e mais uma vez alguns milhares de *boers* voltaram ás suas emigrações, transpondo o Vaal e fundando uma nova

republica — o Transvaal — nos ferteis e salubres planaltos que se estendem ao norte d'aquelle rio. A' nova republica foram affluindo successivamente os *boers* que haviam ficado no Cabo, no Orange e no Natal, mas nem ali os deixaram tranquillos. A Inglaterra, bruscamente e sem motivo plausivel, atacou em 1877

Uma granja BOER

a nova republica. Não sendo porém bem succedida, assignou o tratado de paz pelo qual reconheceu a independencia d'aquelle nascente Estado a que se deu o nome de Republica Sul Africana, mas que ficou sendo vulgarmente conhecido por Transvaal. Nos territorios aridos de oeste e noroeste fundaram os transvaalianos duas outras republicas Stella e Gochen, mas depressa os inglezes as devoraram, estabelecendo o protectorado da Betchuana, para assegurar as communicações do Cabo com os territorios do norte.

E' sabido o que ha poucos annos succedeu ás duas

republicas *boers* do Orange e Transvaal. Depois de uma lucta heroica foram vencidas e encorporadas no grande imperio britanico. Era o destino fatal d'aquelle energico povo que mais tarde ou mais cedo havia de cumprir-se.

Ao mesmo tempo a Inglaterra, para realisar o seu objectivo de ligar o Cabo ao Egypto, não perdia de vista os territorios do centro da Africa Equatorial.

Em 1885, quando era ainda muito recente a sua occupação do Egypto e não sabia mesmo se poderia tornal-a definitiva, pois, pelo contrario, tudo levava a crêr que a Europa, e sobretudo a França, lhe não consentiria que ali ficasse para sempre, a Inglaterra não se oppoz a que a Conferencia de Berlim talhasse o Estado Livre do Congo, de modo a ligar com a colonia allemã da costa de Zanzibar E não se oppoz por imaginar talvez que isso não seria estorvo de maior a futuros designios, antevendo ser facil empreza a de levar um Estado como o do Congo, cuja existencia é puramente convencional, a ceder-lhe, com vontade ou sem ella, uma facha de terreno ao longo da margem occidental do Tanganika até á Uganda, e a esse intuito de abrir caminho para o norte obedeceram decerto as recentes campanhas que em Inglaterra se levantaram contra o Estado Independente. Não succedeu, porém, o mesmo, quando, pouco tempo depois, um estadista portuguez, n'um arrebatamento de imaginação meridional, e talvez para compensar as perdas soffridas na Conferencia de Berlim, quiz fundar um formidavel imperio, digno pos tempos heroicos da nacionalidade portugueza,

lançando sobre a carta d'Africa, a ligar Moçambique e Angola, uma larga mancha côr de rosa, como a côr mais propria para significar as ridentes e promettedoras esperanças d'um futuro de grandeza. Então a

Grupo de zúlus

Inglaterra protestou energicamente contra essa barreira opposta aos seus designios e com varios argumentos dos quaes o melhor era sem duvida a sua força, fez esvair em fumo aquelle sonho de poeta, talhando para si a Rodhesia.

A Africa do Sul britanica é pois hoje um vastissimo territorio de 1.100:000 milhas quadradas, comprehendendo varios paizes que constituem as seguintes colonias, administradas de modos diversos, consoante

seu estado de adeantamento: Cabo da Boa Esperança, Natal, Transvaal, Orange, Zululandia, Basuto, Tonga, Betchuana, Rodhesia e Africa Central.

A região occupada pela colonia do Cabo estende-se para o interior n'uma série de cordilheiras de eleva-

Grupo de basùtos

ção media, offerecendo vastos planaltos de abundantes pastagens. As planicies são áridas e seccas. O interior soffre em geral da falta de chuvas, sobretudo a noroeste onde a aridez é desoladora. A maior parte dos pequenos rios perdem-se no meio das planicies e os seus leitos chegam a seccar completamente. Na costa do sul e na oriental chove, porem, abundantemente, a vegetação é d'uma exhuberancia extraordinaria e o terreno não tem rival no mundo para a magnifica diversidade da sua flora. Os arredores da

cidade do Cabo são encantadores. O clima é magnifico.

A colonia occupa uma area de 277.150 milhas quadradas com uma população de 3.000:000 de habitantes dos quaes 380:000 são europeus. As industrias principaes são as agricolas, especialmente a creação de gados, e as mineiras. Possue minas de diamantes, cobre, ouro e carvão. Produz cerca de 6 milhões de galões de vinho. O vinho de Constança é muito afamado no Cabo, mas não póde soffrer comparação com os vinhos europeus.

O commercio de importação orça por 19 milhões de libras e o de exportação por 16 milhões dos quaes 9 milhões de ouro, quasi todos do Transvaal, e 5 milhões de diamantes. O commercio é feito na sua quasi totalidade com a Inglaterra e em navios inglezes.

O governo da colonia é exercido por um governador geral, nomeado pela corôa ingleza, e que accumula as funcções de alto commissario da Africa do Sul, por um ministerio responsavel e duas camaras, ambas electivas.

Os portos da costa são todos muito desabrigados. O Cabo tem porém um porto artificial.

As cidades principaes são a do Cabo com 52:000 habitantes, Kimberley com 28:800 e Port Elirabeth com 23:300.

O Natal eleva-se do Oceano Indico pela vertente oriental da cordilheira de Drakenberg, com uma vegetação luxuriante, bosques extensos, magnifico clima e uma grande profusão de torrentes de agua. E' um

paiz encantador que se estende n'uma area de 36:200 milhas quadradas com 990:000 habitantes, incluindo 65:000 europeus e 71:000 indios. As industrias agricolas occupam a maior parte da população do Natal, tendo um grande desenvolvimento a agricultura e a creação de gados. O commercio de importação orça por 10 milhões de libras e o de exportação por 5 milhões; é feito quasi exclusivamente com a Inglaterra e em navios inglezes.

O governo da colonia é exercido por um governador, por um ministerio responsavel e duas camaras legislativas.

O porto de Durban, unico da costa, é pessimo; o governo da colonia tem ali enterrado milhões de libras e na verdade tem conseguido melhoral-o bastante, mas nunca esse porto poderá vir a competir com o de Lourenço Marques.

As cidades principaes são Durban com 49:000 habitantes e Pietermaritzburgo, capital da colonia, com 29:000.

O Transvaal occupa uma vasta região a oeste do districto de Lourenço Marques e ao norte do rio Vaal de 112:139 milhas quadradas, incluindo a Swasilandia. E' um paiz fertil, prestando-se admiravelmente ás explorações agricolas e dispondo de abundantes e magnificas pastagens. A população boer dedica-se quasi exclusivamente á agricultura e creação de gados. A sua riqueza principal consiste porém nas suas numerosas e ricas minas de ouro de que exporta annualmente cerca de 14.373:000 libras. Tem tambem minas de carvão e prata.

A população do Transvaal é de 800:000 habitantes, incluindo 245:000 brancos dos quaes 150:000 são inglezes.

O commercio de importação é avaliado em cerca de 12 milhões de libras e o de exportação é quasi exclusivamente de ouro. Uma grande parte do trafego faz se pelo porto de Lourenço Marques. O Transvaal não tem nenhum pedaço de costa maritima.

O regimen de governo a que a Inglaterra submetteu a antiga Republica Sul Africana, logo apoz a conquista, foi o de Colonia da Corôa, mas, ha pouco tempo, foi-lhe concedida uma quasi completa autonomia com o regimen representativo, um ministerio responsavel e duas camaras legislativas.

O territorio da colonia de Orange estende-se entre o rio Orange, o unico rio importante da Africa do Sul, e o seu principal affluente o Vaal, n'um vastissimo planalto, a oeste da cordilheira de Drakenberg, muito verdejante depois das chuvas, secco, arido e queimado no verão e outomno. A principal riqueza do paiz que se estende n'uma area de 46:326 milhas quadradas, consiste na creação de gados, especialmente gado lanigero. A população é de 207:500 habitantes, incluindo 77:800 brancos.

O commercio de importação orça por 1.200:000 libras e o de exportação por 1.900:000 libras.

A colonia de Orange não tem tambem nenhum pedaço da costa. A cidade principal é Bloemfontein com 6:000 habitantes.

A Zululandia é um protectorado britanico administrado pelo governador do Natal. E' um paiz verdejan-

te, com magnificas florestas e pastagens e inumeras torrentes de agua, situado a borda do Oceano Indico, logo ao norte do Natal. Tem uma superficie de 9:500 milhas quadradas e 165:000 habitantes dos quaes 900 são europeus. Em Eshowe, povoação mais importante, reside o commissario do governador. O territorio é rico em minas de carvão, ouro e outros metaes.

O protectorado de Tonga, administrado tambem pelo governador do Natal, é limitado ao norte pelo territorio portuguez do Maputo, a oeste pela Swasilandia, ao sul pela Zululandia e a leste pelo Oceano Indico. Tem 2:040 milhas quadradas de superficie e 50:000 habitantes.

O territorio do Basuto, encravado entre as colonias do Orange, Natal e Cabo, constitue uma Colonia da Corôa. E' muito fertil e tem minas de carvão, ferro e cobre. Tem uma area de 10:290 milhas quadradas e 263:500 habitantes dos quaes 600 são europeus. A capital Maseru é uma pequena povoação de 700 habitantes.

A Betchuana é um vasto territorio muito arido e secco, a oeste do Transvaal, de 169:294 milhas quadradas de superficie. Uma parte, de 51:434 milhas quadradas, formou em tempos uma Colonia da Corôa com Vryburgo por capital, mas em 1895 foi annexada ao Cabo. N'esta parte do territorio foram descobertas minas de diamantes. Uma linha ferrea liga Kimberley, Vryburgo e Mafeking, continuando para o norte até Buluwayo.

A outra parte da Betchuana forma um protectorado administrado pela British South Africa Company. A

Rodhesia é dividida em duas partes pelo Zambeze, a do sul e a do norte. Ambas são administradas pela British South Africa Company.

A do sul tem uma area de 144:000 milhas quadradas e comprehende os territorios dos Matabelles e da Mashona. A capital dos Matabelles é Buluwayo que é, além d'isso, o centro administrativo e commercial da Rodhesia e a capital da Mashona é Salisbury fundada em 1890. A Rodhesia do sul tem uma população de 846:000 habitantes com uma grande percentagem de brancos ali attrahidos pelas importantes minas de ouro.

A Rodhesia do norte tem uma superficie de 248:000 milhas quadradas e 830:000 habitantes. E' como se disse administrada pela British South Africa.

O Protectorado da Africa Central é um territorio de 42:217 milhas quadradas e 846:000 habitantes entre os quaes muitos europeus, encravado na nossa colonia de Moçambique, ao norte do Zambeze e ao longo do Chire, prolongando-se pela margem occidental do Nyassa. E' administrado por um commissario do governo. E' um paiz muito rico e de muito bom clima. Ainda está em principio de desenvolvimento; importa mercadorias no valor de 126:500 libras e exporta marfim, café, etc., no valor de 22:000 libras. A capital é Zomba, mas a povoação mais importante é Blantyre.

# HISTORIA E GEOGRAPHIA

## O descobrimento da America

CHRISTOVÃO COLOMBO

O grande navegador era natural da republica de Genova. Depois de estudar na Universidade de Pavia, geometria, geographia, desenho, cosmographia e astronomia, embarcou nas caravellas que percorriam o Mediterraneo, e fez uma viagem á Islandia. Entrando ao serviço de um capitão que frequentes vezes combatia as caravellas da republica de Veneza e da Turquia, aconteceu-lhe incendiar-se o seu navio durante um combate com uma caravella veneziana na proximidade das costas de Portugal e salvou-se a nado alcançando a terra. Aqui relacionou-se logo com os numerosos genovezes que n'esse tempo viviam no nosso paiz e que o convenceram a ficar por cá. Pouco tempo depois casou com uma filha de Bartholomeu Perestrello, donatario da ilha de Porto Santo, para a qual foi residir, e ahi no isolamento, no meio do Oceano, se entregou inteiramente ao estudo do seu projecto de descobrir a India por Occidente. Fez entretanto nas caravellas portuguezas varias viagens á costa da Guiné nas quaes aperfeiçoou os seus conhecimentos de navegação e obteve na convivencia dos navega-

dores portuguezes grande numero de informações que cada vez mais o aferravam ao projecto que trazia em mente. Colombo era erudito; conhecia por isso a vaga tradição da existencia d'uma terra para Occidente e, além d'isso, pelos conhecimentos que tinha da geographia terrestre, suppunha, e com razão, que para aquelles lados, e relativamente perto, havia de existir por força uma grande terra. No que Colombo se enganava, e n'esse engano morreu, era em imaginar que essa terra era a extremidade oriental da Asia á qual n'aquelle tempo se attribuia exageradissima extensão e porisso suppunha que, caminhando para occidente, iria dar aos reinos de Cathay e Cipango de que tanto fallara Marco Polo. As informações dos navegadores portuguezes de que aos Açores chegavam por vezes, arrastados pelas correntes oceanicas e ventos de oeste, bocados de arvores, plantas exoticas e bocados de madeira artisticamente lavrada, havendo alguns que affirmavam até terem encontrado uma vez cadaveres de individuos de côr e traços phisionomicos estranhos, mais arreigavam a sua convicção.

Ora estas informações dos navegadores portuguezes devia tel-as tambem o rei de Portugal D. João II e mal se concebe porisso que este monarcha de claro entendimento tivesse recusado os serviços de Colombo, quando este se lhe apresentou com o projecto de descobrir o caminho da India por occidente. E' certo que elle submetteu-o á apreciação de duas commissões scientificas e estas foram ambas de opinião unanime de que o projecto era inadmissivel, mas não tinha o intelligente principe, a contrariar a opinião

das commissões, as informações dos portuguezes que navegavam nas paragens dos Açores? Não lhe indicava claramente a existencia d'este archipelago que a terra não acabava a occidente, na costa de Portu-

Christovão Colombo

gal e que, porisso, quando se não encontrasse a India ou um grande continente novo, probabilidades havia de se encontrarem algumas ilhas? Foi um erro a recusa dos serviços de Colombo, erro indesculpavel n'um espirito tão esclarecido como o do principe perfeito, o qual revela que os portuguezes já não eram

n'esse tempo levados ás suas viagens aventurosas com a simples mira na gloria e na sciencia geographica, como no tempo do Infante D. Henrique, mas que mais os preoccupava a ideia de derivar para o porto de Lisboa o commercio das especiarias da India da qual se julgavam, e com razão, muito mais perto no caminho encetado por oriente.

Em vista da recusa de D. João II ao qual, apezar de tudo, nada teria custado n'aquelle tempo pôr á disposição do navegador genovez duas ou tres caravellas, Christovão Colombo foi offerecer os seus serviços á Hespanha, Genova, França e Inglaterra e em todos esses paizes encontrou uma indifferença absoluta pelos seus projectos, até que, voltando desanimado á Hespanha, conseguiu então interessar no emprehendimento a rainha Izabel, a Catholica e, em consequencia d'isso, partiu emfim do porto de Palos para os mares do Occidente em 3 de agosto de 1492. Dois mezes vagueou pela immensidade do Atlantico, sempre com rumo a oeste, supportando fadigas, temporaes e a má vontade das suas tripulações que, não vendo terra durante tanto tempo, se julgavam perdidas no meio do occeano. A fé de Colombo no successo da sua viagem era porém inalteravel e, porisso, a sua energia não succumbia. Mas um dia as tripulações revoltadas impozeram-lhe a volta e Colombo viu n'um relance todos os seus sonhos por terra.

Já algumas aves tinham sido vistas e outros signaes que a tripulação ignorante não comprehendia, indicavam a proximidade de terra e havia de ser quando estava quasi a alcançar o desejado exito que abando-

naria a empreza? Colombo usou de um expediente que surtiu effeito; pediu ás tripulações mais tres dias, compromettendo-se a voltar a Hespanha se ao fim d'esse tempo não tivesse avistado terra. O acaso favoreceu-o; dentro do praso estipulado avistou uma pequena ilha, pelos naturaes chamada Guanahani e á qual o navegador poz o nome de S. Salvador, que faz parte do archipelago das Lucayas. Em seguida descobriu outras ilhas, entre as quaes a de Haiti ou S. Domingos, que elle suppoz ser o procurado Cipango de Marco Polo.

De regresso a Hespanha tocou Christovão Colombo na ilha de Santa Maria cujo donatario pretendeu prendel-o, desistindo felizmente do vergonhoso designio e aportou a Lisboa, onde D. João II o recebeu muito bem, observando todos os especimens que elle trazia das novas terras, ao mesmo tempo que lhe remordia a consciencia o erro commettido na recusa dos serviços de um homem que a outro dava um grande e novo mundo. Alguns fidalgos tentaram insinuar no animo do monarcha a idéa de assassinar o grande navegador, promptificando-se á execução do nefando attentado, mas D. João II recusou indignado.

Em Hespanha foi Colombo recebido com extraordinarias honras e os reis catholicos encheram-no de recompensas.

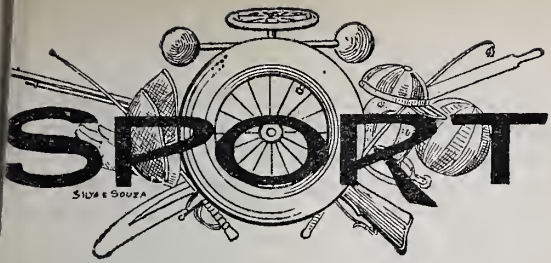
N'esse mesmo anno voltou elle á America, demorando-se tres annos e descobrindo n'esse intervallo de tempo a Jamaica, Guadalupe e outras ilhas; explorou Cuba e iniciou a colonisação.

Em 1498 voltou á America pela terceira vez e só então tocou no continente, explorando a costa desde

o Orenoque a Caracas. Mas em Hespanha, como cá, a intriga era o entretenimento favorito dos fidalgos que ficavam na commodidade das ante-camaras reaes e a intriga não poupou Colombo. Os reis catholicos, dando-lhe ouvidos, enviaram um funccionario de nome Bovadilla, homem brutal e violento, syndicar da verdade das accusações assacadas contra Colombo, e esse funccionario não teve pejo em prender o grande navegador que dera á Hespanha um mundo e mandal-o para Hespanha a ferros. Fernando e Izabel não approvaram o procedimento do feroz funccionario e mandaram logo restituir Colombo á liberdade, mas não lhe tornaram a dar o governo das terras por elle descobertas.

Pela quarta vez voltou porém o navegador á America que elle julgava ainda ser o extremo oriental do continente asiatico, mas com prohibição de tocar na ilha de S. Domingos, de sorte que andou vagueando pelo mar das Antilhas e descobriu Veraguas, porto da costa do Mexico. Voltando a Hespanha encontrou morta a sua desvelada protectora a rainha Izabel e ninguem fez mais caso d'elle, vindo a morrer pobre e abandonado em Sevilha no dia 2 de maio de 1506, sem saber que a terra por elle descoberta era um grande e novo continente, a que nem sequer teve a gloria de dar o seu nome, porque até essa lhe foi roubada por Americo Vespucci que apenas fez para aquelle continente algumas viagens e sempre debaixo de ordens. Ha factos para os quaes fallece toda a explicação plausivel e este é um d'elles.

A posteridade fez porém justiça ao grande navegador, enaltecendo-lhe a memoria e o feito por elle praticado.



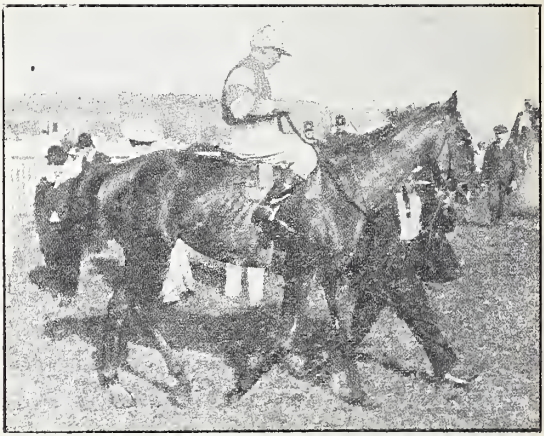

## No estrangeiro

### HIPPISMO

As corridas de Dieppe obtiveram um brilhante successo, tanto sob o ponto de vista mundano como *sportivo*, excedendo a espectativa geral. A Normandia tem-se distinguido este anno pelo brilhantismo excepcional das suas festas hippicas e o publico que tem por este genero de *sport* uma sympathia especial, tem concorrido em grande numero com um enthusiasmo doido e uma animação ruidosa.

Nas corridas entraram cavallos que se tinham já imposto á admiração do publico em corridas anteriores, como *Scotch Reel*, vencedor do *prix de la Seine Inférieure*, *Ad Gloriam*, vencedor do *prix d'Août* e *Punta Gorda* que, tendo ganho em Deauville o *prix de Longchamp*, o *prix Hocquart* e o *Grand Prix*, despertou as attenções e o enthusiasmo geral, chovendo em seu favor as apostas de centenas de espectadores. A desillusão foi por isso cruel quando *Punta Gorda* se deixou vencer por *Ad Gloriam* no

*prix Amphitrite* Foi o caso mais sensacional das corridas e os mais enthusiastas quasi duvidavam do que os seus olhos tinham presenciado; *Punta Gorda* vencida por *Ad Gloriam*, quando em *Deauville* alcançou uma brilhante victoria sobre o *Inconnu* que



MARIE, vencedor do *prix Charles Laffitte*

por sua vez tinha, anteriormente, sahido victorioso em concorrencia com esta mesma *Ad Gloriam* que agora se apresentava superior á grande favorita do publico !

Outro caso que fez impressão foi a victoria de *Scotch Reel* no *prix* de Pourville, porque ainda este anno não tinha apparecido *Scotch Reel* em corrida alguma e alcançou n'esta uma bella victoria sobre

concorrentes como *Flonilde*, *Orion*, *Ad Gloriam* e *Radium*. O *prix Charles Laffite* foi ganho por *Marie* que obteve sobre *Roneal* uma victoria por tres compartimentos.

O *prix de la Société des Steeple Chases* foi ganho por *Reflexion* que já no *Cross Country de Pau* obtivera um ruidoso successo.

*
* *

Vae tendo grande voga em França o treino de natação para os cavallos. A natação constitue para elles uma verdadeira gymnastica do apparelho locomotor e convem especialmente áquelles cujos membros, tendões principalmente, se encontram em estado de inspirar inquietações. O cavallo é guiado no seu exer-

Treino de natação — O cavallo entrando n'agua

cicio por duas cordas, uma de cada margem do rio, passando ambas n'um annel ligado á cabeçada. E' preciso habitual-o pouco a pouco; no primeiro dia bastarão 5 a 7 minutos, devendo-se empregar esforços para acalmar o cavallo, fallando-lhe e obrigando-o a nadar compassadamente, etc. Indo successivamente augmentando o tempo de duração de cada banho cujo numero não deve exceder a 3 em cada semana, chega-se a habituar o cavallo a nadar durante uns 40 a 45 minutos. Todavia um bom treino não deve exceder 25 a 30 minutos. De abril a outubro não ha perigo algum n'este exercicio e os seus resultados são excellentes, tendo-se preparado por este processo com vantagem alguns cavallos para corridas. O que é indispensavel é ter certos cuidados á sahida do banho. Sobre o dorso do animal lança-se uma manta e faz-se recolher á cavallariça montado, a passo ou a trote, conforme o tempo estiver mais ou menos quente, evitando-se porém a transpiração da qual resultariam inconvenientes graves.

### CYCLISMO

O *Bol d'Or* é uma prova que desperta sempre grande enthusiasmo. E' uma prova violenta e até um pouco barbara, 24 horas seguidas de bicycleta é para arrombar o arcaboiço mais bem constituido.

Apresentaram-se 10 concorrentes, todos elles conhecidos, como *sportsmen* cyclistas de grande força como Leão Georget, Trousselier, Ringeval, etc.

Desde a partida Leão Georget que já ganhou o

Bol d'Or em 1903 e foi o segundo a chegar em 1904, accentuou a sua superioridade, adeantando-se aos seus concorrentes d'uma longa distancia. Sete horas de-

Leão Georget vencedor do *Bol d'Or*

pois levava 21 kilometros de avanço sobre o que se lhe seguia.

Ao fim de 24 horas a victoria era para Georget que havia percorrido 904 kilometros e 420 metros, levando 70 kilometros de avanço sobre Ringeval que se lhe seguia.

## Sport nacional

### NATAÇÃO

A vida sportiva nacional recuperou nos ultimos dias uma grande animação.

Os campeonatos de natação disputados em Pedrouços despertaram um grande interesse.

Para o de 500 metros apresentaram-se 12 concorrentes, vencendo o sr. Francisco Marçal, seguindo-se-lhe com pequeno intervallo o sr. Bustorff.

Para o de 100 metros foram 6 os concorrentes, ganhando o sr. Francisco Marçal, seguindo-se-lhe o sr. Shirtley.

O sr. Francisco Marçal affirmou-se como um nadador de poderosas faculdades.

No Dafundo realisaram-se uns exercicios de natação de 60 metros entre senhoras, vencendo a sr.ª D. Anna M. Monteiro que ganhou o premio da medalha de prata.

Por desafio fizeram a nado a travessia do Tejo entre Algés e a Trafaria os srs. Pompilio Simões Franco e João Pimentel, vencendo o primeiro que effectuou a travessia em 1 hora e 2 minutos, chegando o segundo 5 minutos depois.

### REGATAS

Realisaram-se com grande enthusiasmo e grande concorrencia de gente as regatas no Dafundo.

O primeiro numero da festa constou da regata en-

re canôas de recreio da qual sahiu vencedora a *Gazella* timonada pelo sr. Correia da Silva que ganhou a medalha de *vermeil*.

A seguir regata entre botes de recreio, ganhando a *Luiza* a medalha de *vermeil*

Nas corridas eliminatorias ganharam: o barco tripulado pelo sr. Salgado o 1.º premio, medalha de *vermeil*, e o tripulado pelo sr. Faria o 2.º premio, medalha de prata.

Na corrida de escaleres de dois remos ganhou o 1.º premio o que era timonado pela sr.ª D. Leontina e o 2.º premio timonado pela sr.ª D. Anna Silva.

Terminou a festa com uma corrida de chatas para profissionaes, com premio pecuniario. a qual ficou empatada entre os srs. Carlos Roque, José Labareda, Francisco Fortunato e José Lourenço.

### CYCLISMO

Effectuaram-se com magnifico exito e grande animação as corridas de bicycletas promovidas pelo Velo Portugal n'um percurso de 30 kilometros entre Bemfica, Cacem, Lumiar, Campo Grande. Era grande o numero de concorrentes dos quaes 28 chegaram á meta, em primeiro logar o sr. Manuel Leitão que effectuou o percurso em 1 hora, 9 minutos, 55 segundos, a seguir o sr. Augusto Ayres em 1 hora, 10 minutos e 11 segundos e em terceiro logar o sr. Eugenio Valle em 1 hora, 11 minutos e 29 segundos.

Os premios eram duas medalhas de *vermeil* e prata para os dois primeiros, medalhas de prata para os 6 seguintes e diplomas para os 20 restantes.

### SPORTS ATHLETICOS

Em Paço d'Arcos realisou-se um concurso de sports atleticos na Alameda Marquez de Pombal, extraordinariamente concorrido e que decorreu no meio do maior enthusiasmo e animação.

Na corrida pedestre de 100 metros, velocidade, ganhou o 1.º premio o sr. Carlos Kessler e o 2.º o sr. Jorge Gomes.

Na corrida de tricycles ganhou o 1.º premio o sr. Pedro Fernandes e o 2.º o sr. Ruy Taraçosa.

Na corrida de tres pernas ganharam os srs. Eduardo Monteiro e Americo Costa.

A corrida de tracção foi ganha pelo grupo capitaneado pelo sr. Carlos Kessler.

Nos saltos em altura ganhou o sr. Armando Costa com um salto de $1^{m},32$.

No lançamento de pesos ganharam os premios os srs. Carlos Kessler e Mario Vieira.

Na corrida de saccos ganhou o premio o sr. Jorge Gomes.

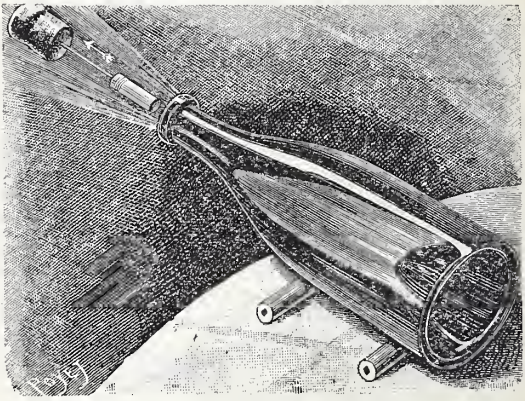
A corrida de andas foi ganha pelo sr. Armando Costa.

# Distracções e coisas uteis

## Um tiro de peça inoffensivo

No fim d'um alegre jantar de rapazes não lembrará a um d'elles pregar aos outros uma partida innocente, só para rir? Um grande susto, por exemplo? O divertimento que vamos explicar ao leitor, é magnifico para esse effeito. É' um verdadeiro tiro de peça de artilharia, com cartucho e projectil, detonação formidavel e sem faltar sequer o recuo da peça. Esta é uma garrafa de champagne, que n'um jantar de rapazes está com certeza ao alcance da mão; o projectil é a rolha e o cartucho é um pequeno cylindro formado muito simplesmente por uma carta de jogar enrolada, e tapado n'uma das extremidades com um pequeno taco de papel absorvente. Vê-se que o tiro não póde matar ninguem e por isso póde o leitor carregar a peça sem receio Para isso deite na garrafa uma pouca d'agua até um terço da altura, por exemplo, e dissolva n'ella um pouco de bicarbonato de soda. No cartucho metta um bocado de acido tartarico e enrole um fio, apertando um pouco e dando nó, perto da extremidade do cartucho que não é tapada, aqual deve ficar para cima; na parte infe-

rior da rolha espete um alfinete e amarre n'este a extremidade livre do fio do cartucho, calculando o comprimento de modo a este não tocar na agua da garrafa depois de mettida a rolha no gargalo. Está a peça carregada. Para a disparar ponha sobre a meza



dois lapis parallelamente e sobre elles assente horisontalmente a garrafa. A agua penetra no cartucho e da dissolução do acido tartarico resulta a producção instantanea d'uma grande quantidade de gaz acido carbonico que atira a rolha a grande distancia com uma forte detonação, e, por effeito da reacção, a garrafa recúa vivamente sobre os dois lapis.

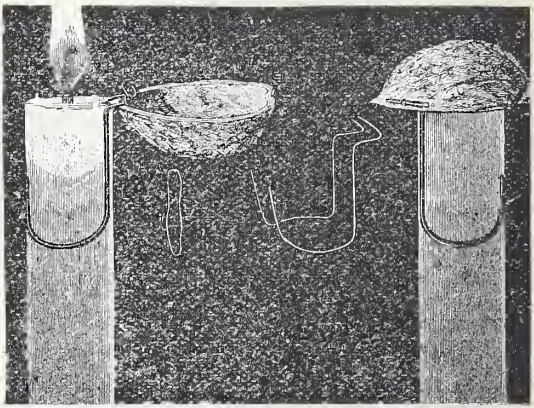
O leitor que não poder resistir á tentação de executar esta experiencia, sirva-se de uma garrafa de champagne ou de agua das Lombadas, preferindo a

primeira quando a tenha. Nunca se sirva d'uma garrafa de forma vulgar, porque poderia acontecer que com a rolha voasse o gargalo, levando como appendice a calotte que se lhe segue.

## Apagador automatico

N'esta secção cabem os divertimentos e as coisas uteis. O tiro de peça acima explicado é um divertimento, o apagador automatico que vamos ensinar a fabricar sem gastar cinco réis, é uma coisa util e que pode prevenir uma grande desgraça — um incendio.— O leitor que certamente tem o costume de lêr um pouco na cama, antes de apagar a luz, nunca adormeceu com a vela accesa? Nunca lhe succedeu isso ao lêr o *Cosmos*? Estamos d'aqui a vêr a amabilidade da resposta: «ao lêr o *Cosmos* nunca, porque é uma revista muito interessante.» Muito obrigado, leitor, mas como um dia pode lêr qualquer outra coisa que não seja o *Cosmos* e, por isso, acontecer que adormeça com a vela accesa, em risco de pegar fogo á roupa da cama, etc., etc., é conveniente prevenir-se contra essa terrivel eventualidade. Pegue n'um gancho de cabello e dobre-o como se vê na figura. Com um arame de ferro em brasa fure uma meia casca de noz d'um lado e outro da parte ponteaguda. N'um dos furos enfie de fóra para dentro um pequenino annel de elastico e faça o mesmo no outro furo de dentro para fóra; para evitar que o elastico se desenfie, metta-lhe do lado de fóra da casca, no elastico que sae por cada um dos buracos um bocadinho de

pau de phosphoro; o annel de elastico deve ser de tamanho tal que os pausinhos fiquem encostados á casca com um certo aperto. Entre os dois ramos do elastico que ficam dentro da casca, metta a cabeça do gancho



e, girando com os pausinhos, torça o elastico até reconhecer que, se deixar livres as extremidades do gancho, estas girarão em torno do elastico e abaterão sobre a casca. Vendo que está bom, metta a vela entre as extremidades do gancho, como se vê na figura, na altura que quizer, espetando um pouco na estearina a ponta da casca. A vela, ardendo até este ponto, deixa a casca livre a qual, em virtude da torsão do elastico, gira para cima da chamma e apaga-a.

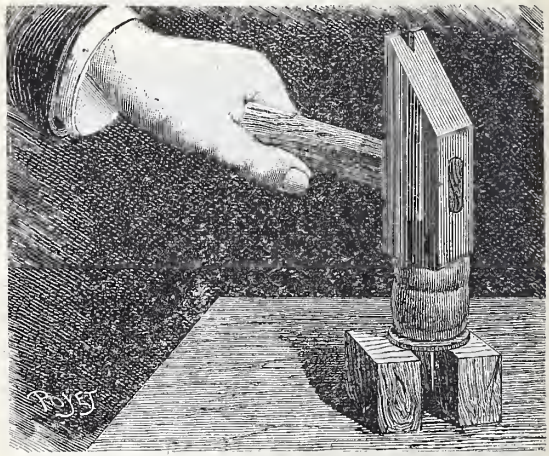
## Equilibrio d'um ovo no gargalo d'uma garrafa

A inspecção da figura fará duvidar muitos do bom exito da experiencia. Com effeito á vista o equilibrio parece impossivel e todavia nada ha mais simples. Com um pouco de cuidado qualquer o realisa logo á primeira tentativa. A figura dispensa-nos explicações. Diremos sómente que é preciso que os garfos sejam do mesmo peso e que a rolha em que elles estão espetados deve ser ligeiramente cavada na parte inferior para se adaptar bem á convexidade do ovo.

## Furar com uma agulha uma moeda

Trata-se de uma moeda de cobre de 10 réis ou outra de qualquer outro metal que não exceda a espessura d'aquella. Põem-se no chão dois bocados de madeira a distancia tal que sobre elles possa repousar pelos bordos a moeda referida. Espeta-se a agulha n'uma rolha de modo que a ponta afflore ligeiramente, cortando-se rente á rolha a parte pos-

terior da agulha, se porventura a exceder. Colloca-se a rolha sobre a moeda e com um martello pesado

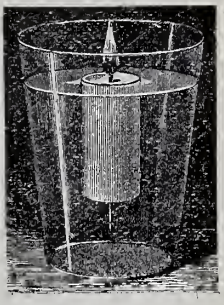


dá-se-lhe uma pancada secca e forte. A agulha atravessará logo a moeda, visto o aço ser mais duro que o cobre e não poder a agulha vergar por ser guiada d'uma maneira rigida pela cortiça que a envolve.

## Uma lamparina improvisada

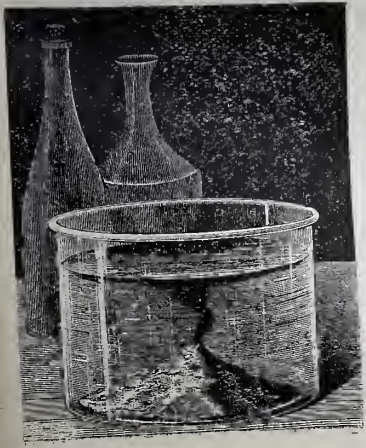
Improvisada e economica, porque aproveita os côtos das velas que não podem arder até ao fim, nas palmatorias ou castiçaes. Espeta-se um prégo na parte inferior do côto, de modo que elle fique mer-

gulhado até ao bordo superior na agua contida n'um copo, havendo cuidado em não deixar molhar o pavío. Accendendo este, o côto arderá até ao fim sem que a agua o apague. O copo deve ser afunilado para a base, isto é, deve ter a bocca de maior diametro que a base, afim de evitar que a chamma lamba o vidro, quando por acaso o côto se encoste á parede do cópo.



## Um vulcão em actividade

No fundo d'um largo vaso de vidro colloque-se um frasco cheio de vinho de modo a ficar inteiramente mergulhado na agua do vaso. Se na rolha do frasco de vinho tivermos feito préviamente um pequenino furo, veremos dentro de pouco tempo elevar-se do frasco dentro da agua um penacho escuro. E' a agua do vaso que, in-



troduzindo-se no frasco pelo furo da rolha, d'ali expulsa muito lentamente o vinho. Se occultarmos o frasco n'um pequeno montinho de areia ou terra em cujo cume se abra passagem para o penacho de vinho e agitarmos ligeiramente a agua para que este se alargue e espalhe, teremos figurado o phenomeno d'uma erupção.

# Palestra scientifica

## Telegraphia de imagens

O sabio professor allemão Korn inventou ha mezes um apparelho por meio do qual se póde em 6 a 10 minutos telegraphar a qualquer distancia uma photographia. Imagina-se facilmente que enormes serviços a nova invenção vem prestar á civilisação. O nome do inventor figurará sem desdouro entre aquelles que teem contribuido para os mais largos progressos da humanidade.

Tendo um engenheiro inglez Willoughby Smith precisado, no decurso d'umas experiencias a que em 1873 procedia para a construcção d'um cabo telegraphico submarino, d'uma substancia que offerecesse á passagem das correntes electricas uma grande resistencia, preferiu o selenio, conhecido como um dos corpos peiores conductores, em relação ao cobre, á prata, etc.

Mas em breve se apercebeu que não tinha sido acertada a sua escolha, porque, bizarra particularidade, pôde observar que ás escuras o selenio é na realidade um mau conductor, emquanto que, sob a acção da luz, offerece uma fraca resistencia á passagem da corrente.

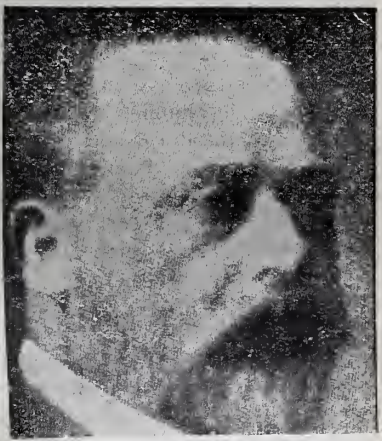
D'este phenomeno assim descoberto por acaso, apoderaram-se logo os inventores para lhe dar applicações, ou d'elle tirar consequencias que infelizmente os levaram a desillusões pouco animadoras. Assim, todos os esforços para aggregar aos telephones um apparelho baseado na particularidade manifestada pelo selenio, que permittisse vêr as imagens das pessoas que se falavam, resultaram inuteis, pela impossibilidade material de obter o synchronismo absoluto entre os movimentos dos orgãos dos apparelhos transmissor e receptor e a regulação conveniente da intensidade do raio luminoso, por meio de correntes de força variavel enviadas do posto transmissor.

Korn, inventor da telephotographia

Entretanto o professor Korn encarava as applicações possiveis do phenomeno do selenio sob um aspecto mais pratico, considerando que se para transmittir a imagem d'um individuo era praticamente impossivel encontrar um instrumento ao mesmo tempo tão sensivel e tão rapido que pudesse apprehender e seguir as pequenissimas variações de corrente depois de atravessar uma placa de selenio, as difficul-

dades diminuiriam consideravelmente desde que se tratasse de transmittir uma photographia; e ao fim de tres annos de trabalhos n'esta via, chegou ao brilhante resultado da transmissão d'uma photographia n'um intervallo de tempo de 6 a 12 minutos.

A photographia a transmittir é feita sobre uma pellicula transparente que se enrola n'um pequeno cylindro de vidro collocado n'uma camara escura e que tem dois movimentos, um de rotação em torno do seu eixo e outro de translação ao longo do mesmo eixo, movimentos uniformes dados e regulados por um pequeno motor electrico. O cylindro apresenta assim successivamente todos os seus pontos, e portanto toda a superficie de pellicula photographica, á luz que entra na camara escura por uma pequena janella.



Photographia de Eduardo VII, transmittida pelo apparelho Korn

A luz, atravessando a pellicula em quantidade

maior ou menor, vae incidir sobre um prisma collocado no interior do cylindro e que a reflecte completamente sobre uma cellula de selenio collocada por baixo. Esta cellula, bastante espaçosa e de paredes muito delgadas, é atravessada por uma corrente electrica d'uma bateria de accumuladores, cuja intensidade varia segundo a quantidade de luz recebida pela cellula de selenio e que se transmitte com as modificações produzidas ao longo dos fios que vão ter ao posto receptor qualquer que seja a distancia a que este se ache.

O receptor consta d'um *galvanometro de cordas*, uma lamina de aluminio muito delgada collocada á maneira de obturador deante de uma pequena janella praticada na parede d'um cylindro receptor, identico ao do posto transmissor, e que, movendo-se deante d'essa abertura sob a acção d'um electro-magnete, deixa penetrar no cylindro quantidades variaveis da luz electrica concentrada por meio d'uma lente sobre a referida abertura.

Uma pellicula sensivel enrolada n'aquelle cylindro é impressionada proporcionalmente ás quantidades da luz que sobre ella incide. Por meio d'uma disposição electrica especial, os dois cylindros transmissor e receptor teem os mesmos movimentos, e assim cada ponto da pellicula receptora recebe uma impressão luminosa perfeitamente egual á que tem no mesmo ponto o *cliché* a transmittir.

Uma cellula de selenio no posto receptor compensa os atrazos da cellula transmissora, atrazos devidos a ella não seguir instantaneamente, por causa das suas

variações de resistencia, as variações dos valores da photographia.

E n'isto consiste o celebre invento destinado a prestar inestimaveis serviços que á imaginação de todos acudirão facilmente, não precisando nós de os pôr aqui em relevo.

O auctor fez varias experiencias com resultados muito satisfatorios. N'uma d'ellas telegraphou a photographia de Eduardo VII que, como os leitores podem verificar pela nossa gravura, chegou ao posto receptor com uma nitidez muito perfeita.

# Modas

A elegancia das toilettes nota-se menos na sua riqueza ou profusão do que no bom gosto que sempre deve presidir á sua escolha. Hoje e, principalmente, na presente estação, esta nota é facil de obter: poucos vestidos completos e uma grande variedade de blouses, encantadoras e pouco dispendiosas, porque quasi dispensam os enfeites. É tão grande a diversidade de generos de blouses, que ninguem poderá gabar-se de ter dito tudo sobre o assumpto.

FIG. 1

Uma das novidades mais attrahentes são as blouses em dois tecidos: seda e renda, renda e *voile* de algodão ou *linon*, ou *tulle* lavavel.

A fig. 1 representa um modelo typico no genero, pelo qual as nossas gentis leitoras poderão fazer uma

idéa perfeita do que são as blouses de dois tecidos. Esta é em *linon*, muito fino, bordado em relevo, com grupos de pregas ao travez; sobre ella veste-se uma segunda blouse japoneza, em *voile* de algodão, tecido tão fino como a gaze de renda.

Póde ainda empregar-se o *tussor* ou tecido egual ao da saia, como se vê no nosso figurino. Uma blouse japoneza, em renda ou em motivos de renda applicados sobre *tulle*, seria d'uma elegancia inexcedivel. De resto, a phantasia das modistas habeis poderá sem difficuldade crear mil caprichosas maneiras de executar esse trabalho. Folhos plissados, de fita propria, guarnecem as hombreiras largas e cercam a abertura que fórma o peitilho.

FIG. II

Se a fita fôr substituida por renda, o effeito será muito differente, sem, comtudo, deixar de ser bastante distincto. É, pois, a estas que póde chamar-se blouses de duas vistas, porque se usa egualmente a combinação ou só a *chemisette*.

Do mesmo genero é a blouse da fig. 2, muito chic, em tecido ligeiro e sedoso, á qual se adapta um corpo em fórma de pequeno bolero, que póde ser independente da blouse.

Para esta serve a *voile* de algodão e o bolero faz-se em *guipure* com bordado alto a côres. Em volta um fino plissado de fita. Estas confecções são graciosissimas e engenhosas, permittindo facilmente variar o aspecto da *toilette*, em conformidade com as circumstancias.

A moda está utilisando muito n'esta estação a *Toile de Yony*, cujos motivos se recortam para ornar os *gilets* de *piqué* e de *toile*, ou para guarnecer a copa e as abas de chapeus ligeiros, deixando ao gosto de cada um a escolha da sua disposição. No entanto, applicar esses motivos no bolero que damos como

*Vestido de paneis em tecido inglez. Pequeno corpo de genero Kimono, ornado de botões e de casas fingidas. Por baixo uma blouse de voile Ninon ou voile de seda, em pregas, começando estas abaixo d'um galão japonez que limita o peitilho. O tufado da manga é apertado por um galão bordado. Saia de cauda, com tablier.*

modelo, seria um erro imperdoavel, que lhe faria perder quasi tudo o que elle tem de chic. Pelo contrario, elles poderão tornar interessantissima a confecção em que forem dispostos a proposito.

O chapeu que acompanha este modelo é uma enorme *cloche* em palha verde, d'um tom muito vivo, verde crú, por exemplo. Bastarão algumas grandes plumas, brancas ou tambem verdes, caindo livremente sobre as abas, para completarem um conjuncto delicioso de graça e de bom gosto.

# Anecdotas

## Gato escaldado...

Um rapaz do campo que na quaresma fôra cumprir o preceito religioso da confissão, declarou ao padre, quando este lhe perguntou se a consciencia o accusava de ter voluntariamente causado prejuizo a alguem, que apenas se lembrava de dias antes ter desfeito um pedaço de parede d'uma propriedade alheia á procura d'um ninho de melros.

— E que fizeste aos melrosinhos? perguntou o confessor, fingindo certa commoção e interesse pelo destino das avesinhas.

— Deixei-os no ninho, respondeu o rapaz. Eram ainda muito pequeninos e só no sabbado tenciono ir buscal-os, porque só então estarão um pouco crescidos e bons para comer... no domingo.

Indo o rapaz no sabbado, como dissera, buscar os melros, encontrou o ninho vasio, mas como tinha a certeza de só ao confessor ter confiado o segredo, logo suppoz ter sido elle o auctor da partida e ficou furioso contra o padre. Não teve, porém, outro remedio senão resignar-se.

No anno seguinte foi o rapaz confessar-se novamente e, como declarasse ao padre que se tinha to-

mado de amores com uma rapariga da freguezia, começou este a interrogal-o, querendo saber que edade tinha a namorada, de quem era filha, etc., mas o rapaz interrompeu-o, exclamando:

— Para que são tantas perguntas, sr. abbade? Olhe que a rapariga não é ninho de melros, ouviu?

## Não ganharam para o susto

No tempo em que o serviço de transporte de pessoas era ainda feito em grande parte por cadeirinhas conduzidas por homens, um alto funccionario, d'uma obesidade extraordinaria, procurava, á sahida d'um baile, metter-se n'uma cadeirinha d'aluguer que ali estacionava, quando um amigo lhe offereceu um logar na sua carruagem.

*Podia ser um pouco mais generoso...*

O obeso personagem acceitou, mas entendeu dever gratificar os homens da cadeirinha e deu-lhes uma pequena moeda de prata.

Um dos homens, porém, coçando atraz da orelha, murmurou:

— Podia ser um pouco mais generoso...

— Pois achas pouco, interrompeu o arredondado

individuo, quando eu nem sequer entrei na cadeirinha?

— É isso verdade, senhor; mas Vossa Mercê não repara, replicou o homem apontando para a enorme barriga do funccionario, que não ganhámos para o susto...

## Curiosidade inconveniente

*In illo tempore,* passeiava um principe no Terreiro do Paço, acompanhado do seu camarista, quando este lhe fez notar a semelhança flagrante que com elle apresentava um individuo que por ali andava flanando.

— É verdade, confirmou o principe, dir-se-hia que me desdobrei em dois.

Aguilhoado pela curiosidade approximou-se o principe do individuo e, depois de declinar os seus titulos, perguntou:

— Você vive em Lisboa?

— Não, meu senhor; é a primeira vez que cá venho.

— D'onde é então?

— De Thomar, meu senhor.

— Ah! mas, por certo sua mãe vinha cá muitas vezes?!

— Não, meu senhor; meu pae, sim, esse vinha cá muito a meudo.

## Philosophia d'um camponez

O povo de certo paiz gemia sob o peso de violentissimos impostos e vivia na maior miseria, emquanto que o respectivo monarcha passava o seu tempo em

festins, folganças e caçadas e no meio do maior luxo e ostentação. As festas e os risos do palacio real contrastavam singularmente com as lagrimas do povo,

Um dia, voltando d'uma luzida e brilhante caçada, encontrou o rei um camponez que na estrada contemplava attentamente um d'estes oratorios que a cada passo se encontram nos caminhos das aldeias, e, querendo mostrar-se affavel, perguntou-lhe:

— O que é que tanto interesse te desperta n'esse oratorio, bom homem?

— E' este quadro da paixão de Jesus Christo, meu senhor. Desperta-me muitas reflexões.

— Não posso conhecel-as? tornou o rei.

— Não ha inconveniente, meu senhor. Estava eu a pensar que tambem no nosso paiz presenciamos o espectaculo da paixão do Redemptor, mas em sentido inverso.

— Desejaria saber como entendes isso, bom homem, insistiu o rei.

— Na paixão de Jesus Christo, explicou o camponez, um só homem morreu por todos, emquanto que no nosso desgraçado paiz, morremos todos por um.

## Aonde leva o excesso do cortezanismo

Concluidas as longas e fatigantes cerimonias da sagração de Luiz XVI, perguntou este ao arcebispo de Reims que a todas presidira, se estava cansado, ao que o velho prelado respondeu que não.

— Outro tanto não posso eu dizer, tornou o rei;

apezar de ter menos de metade da sua edade sinto-me fatigadissimo.

— Pois eu affirmo a Vossa Magestade que estou magnificamente bem disposto, replicou o arcebispo, e tanto que nenhuma duvida teria em fazer amanhã mesmo outra sagração...

O rei fez uma careta expressiva e mudou logo de conversa.

## Resposta espirituosa

A academia de Dijon abriu concurso a premio para o melhor elogio historico do grande cavalleiro Bayard.

*E' que eu julgava...*

O abbade Talbert, conego de Besançon, inscreveu-se entre os concorrentes e enviou o seu trabalho. A academia negou-se, porém, a recebel-o, com o pretexto de que chegára depois de findo o praso marcado. O abbade, pouco satisfeito, replicou ao secretario da academia que lhe notificava os motivos da recusa:

— É que eu julgava que era um concurso de eloquencia e não de corrida.

## Raciocinio infantil

Victor Hugo convidára um dia para jantar alguns artistas e litteratos, entre os quaes havia um que era quasi completamente desprovido de nariz.

Um dos filhos do grande poeta, Carlos Hugo, ainda creança n'esse tempo, era d'uma vivacidade e intelligencia muito notaveis, turbulento e tagarella como poucos se encontram d'aquella edade. No dia do jantar, a mãe que estava sempre com receio de qualquer travessura de seu filho, disse-lhe ao ouvido, quando o conduziam para a sala de jantar:

— Tem juizo, meu filho, vê se estás socegado á mesa. E toma bem sentido no que te digo: não digas uma unica palavra a respeito do nariz d'aquelle senhor que hoje veiu cá pela primeira vez. Ouviste bem?

— Ouvi, mamã, respondeu o rapazinho que não cessava de olhar para a cara do litterato.

Com effeito, o rapaz sem deixar um momento de olhar para o litterato, conservou-se callado durante uma parte do jantar.

A mãe estava já descançada e satisfeita por ver que a sua recommendação tinha surtido o effeito desejado, quando subitamente a travessa creança exclama:

—O' mamã, porque razão me prohibiu de fallar no nariz d'aquelle senhor, se é coisa que elle não tem?...

inspirações novas e audaciosas que ainda ha pouco manifestaste. Serás poeta, actor, auctor. Esses vastos quadros que encherão o theatro, serão obra tua: serás simultaneamente a alma e o corpo de dramas immortaes.

—Decide-te, meu filho, accrescentou Robert Green: sirva-te meu exemplo de lição. Tenho vivido em todas as profissões, mas é comediante que hei de acabar

Era assás de seducções; e comtudo o malaventurado mancebo ainda permanecia mudo!

Mas Ariella avisinhou-se d'elle com sua presença radiosa, seus olhos meigos, seu puro e fresco sorriso, e no meio d'este encanto irresistivel pronunciou estas palavras:

— Asseguram-vos todos que fareis grandes coisas se fordes dos nossos, William: eu não sei nada d'isso; o que sei é que fareis a felicidade de Ariella.

Shakspère sentiu uma doçura, uma consolação inexplicavel derramar-se-lhe pelo seio.

Apertou uma das mãos á actriz, e a outra estendeu-a a Johnson.

— Acceito.

Foi esta a sua unica resposta.

E o rufar dos tambores das tropas reaes perdeu-se ao longe.

## IX

## Uma reputação

Eram oito horas da noite. O salão grande do palacio de Southampton acabava de se allumiar logo após o jantar, e a familia do conde estava reunida.

A vasta extensão d'esta quadra mal recebia a claridade frouxa de duas enormes alampadas, d'onde se exhalava o suave cheiro de oleo perfumado, e que haviam velado de bandeiras verdes para resguardarem da força da luz os olhos enfraquecidos da avó. As portas de carvalho esculpidas e o fogão de marmore preto com massiços ornatos, viam-se encimados pelo brazão e a corôa do conde. As paredes eram forradas de damasco carmezim, e as largas molduras fixadas sobre esta tapeçaria, apparentavam troncos de palmeira doirados, e os ramos d'estas arvores bracejavam para os dois lados ao chegarem ao tecto do salão, formando uma agradavel combinação de oiro sobre o fundo vermelho do brocadc. Os moveis, de estructura antiga, eram quadrangulares, volumosos, com altos relevos de toscas douraduras.

Pela abertura da cortina de uma das janellas meio-erguida, avistavam-se, á claridade da lua, os copados grupos de folhagem dos castanheiros e tilias seculares que ensombreavam o jardim do palacio. Com o andar do tempo, os troncos e os ramos pareciam já ennegrecidas vigas que se aprumassem e enlaçassem assim a cupula solemne de um templo.

A costrucção solida, a opulencia real, que distingue ordinariamente a morada dos ricos fidalgos, parece annunciar de perfeito accordo a estabilidade de seus haveres e de seu poderio, emquanto que a habitação do pobre, erguida em cima da areia e coberta de folhas, pinta pela fraqueza que deixa entrever a fragilidade de um destino á mercê de todos os ventos.

Todavia, esta certeza da opulencia constante e do

repouso, traz comsigo a monotonia, a somnolencia do mais profundo e triste fastio.

Nenhum ruido quebrava o silencio no salão. A conversação rara e em voz baixa do conde velho com lord Clarisson, assentados ao pé um do outro e proximos do fogão, resoava apenas.

Do outro lado do fogã, o silencio era ainda mais completo, porque ahi, em roda de uma banquinha, onde estava um candeeiro coberto por uma *sombra*, dormitava a avó; Henrique lia n'um livro novo ricamente encadernado; e Isabel bordava attentamente.

Havia um anno que esta familia residia em Londres: era o tempo que tinha decorrido desde a partida de Worcester, a que Shakspère assistira, depois de haver sido com tanta bizarria livre pelo conde das mãos do guarda da floresta, que o prendera por caçar sem licença.

Este discurso de tempo pouco demudára o modo de viver da familia Southampton.

Unicamente Henrique, emancipado afinal da tutella da avó, e apresentado na sociedade, era já senhor de suas acções, e se tinha desenvolvido em força e belleza, mostrando um todo desembaraçado e alegre, que por ser temperado pela extrema doçura de sua alma, lhe cahia summamente bem.

Não succedia o mesmo a Isabel. Havia um anno que estava definitivamente justo o seu casamento com lord Clarisson, mas da mesma sorte que o barão, ella não parecia ter pressa de effectuar este consorcio. Sua altivez, seu desdem, a segurança da donzella que reputa certo um brilhante futuro, em vez de se have-

rem rebustecido com o enlace vantajoso que a aguardava, parecia terem affrouxado. Apesar da immobilidade da sua fronte de marmore, apesar da sua pontualidade em seguir suas occupações, os usos de cada dia e principalmente os exercicios de piedade, como testemunho de uma paz de espirito completa, era impossivel deixar de perceber que uma triste preoccupação se apossára d'ella, e que uma influencia estranha lhe turbava o espirito e a tornava até não poucas vezes sombria. Havia occasiões que passava horas a scismar, alheada de si mesma debaixo da ramada dos bosques dos jardins, donde sahia ainda mais absorta e taciturna. Ainda mesmo no esforço de tranquillidade e indifferença, sempre apparentadas em seu semblante, uma ligeira ruga se havia cavado entre as sobrancelhas, e, para aquelles que lh'a descubriam, apresentava isto uma estranha mudança sobre aquelle rosto tão resplandecente de mocidade e formosura.

A voz de Henrique, sonora e vibrante de sensações, ouviu-se de repente e dominou as praticas de lord Southampton com o barão.

O mancebo ergueu-se, segurando sempre com uma expressão de enthusiasmo o livro que lia.

— Escute isto, meu pae: pesso-lh'o eu, disse elle; escute como William Shakspère, n'este seu livro do *Peregrino apaixonado*, que elle me dedicou, falla da nossa amisade de infancia.

E leu um soneto repassado da mais suave poesia, que começava d'este modo:

«Quando eu te conheci aos quinze annos, em nossos campos de Warwick-shire, a ternura e doce pie-

dade de teu coração apagaram o signal que gravára em minha fronte um nascimento vulgar.

«Que me importava o que pensavam de mim então, quando tu sabias disfarçar a minha rudeza apparente e descobrias os thesouros de minha alma?

E este outro em que o poeta, depois de haver fallado da profunda melancholia que se apossou por instantes da sua alma, ajuntou dirigindo-se a Henrique:

«Se leres estes versos, não te recordes da mão que os traçou, pois te amo com tanta sinceridade que antes prefiro ser esquecido em teus doces pensamentos que inspirar-te a tristeza. Ah! que se teus olhos se detiverem sobre estas estrophes, quando eu talvez já seja pó, não pronuncies o meu nome, e que tua estima acabe com a minha existencia, com receio que os pretendidos sabios do mundo, testemunhas da tua angustia, te não censurem, com riso zombador, o meu amor e a tua saudade.

— Querido William!... ajuntou Henrique. Quanto sou ditoso de o ter amado logo que o conheci! Como eu devo ensoberbecer-me de ter distinguido, na sua condicção obscura, aquelle que dentro em pouco devia elevar-se á altura dos primeiros poetas!

— Tens rasão, meu Henrique, por te applaudires d'essa preciosa sympathia, disse lord Southampton. O sentimento é aquillo que mais nos honra. Um moralista escreveu: «Importa tratar nossos amigos como se um dia elles acabem por ser nossos inimigos.» Mas eu julgo que é mais humano e nobre dizer: «E' necessario viver com todos os homens, como se elles

com o tempo possam vir a tornar-se dignos de serem nossos amigos.»

O conde tambem accressentou elogios aos versos do moço Shakspère, e fallou com predilecção d'aquelle que parecia ter-se elevado á concepção poetica pela amisade a seu filho.

O proprio barão Clarisson concedeu, por complacencia, alguns signaes de approvação aos sonetos que acabava de ouvir, mas louvou as referencias feitas a Henrique, para que o elogio, sem se deter no poeta, fosse direito ao senhor.

— Só Isabel, com a cabeça inclinada para o bastidor, escutava sem nada dizer, e o semblante, silencioso tambem, não expremia nem agrado nem desagrado.

Comtudo, Henrique, no meio dos testemunhos favoraveis que se dirigiam ao poeta, deplorava que o amigo não estivesse presente.

— E' verdade; dizia elle; mas William está em Londres; em Londres vae n'um anno, e não me tem procurado. As recordações mais affectuosas respiram em seus versos; a estima, que sempre me teve, encontra palavras arrebatadoras para desafogar; dedica-me o seu livro; dirige-me de longe estas phrases do intimo repassadas de verdade e de ineffaveis doçuras, e não vem apertar-me a mão!.. Pois bem; serei eu que irei descobrir a sua morada, deitar-me em seus braços, e senão possuo os mesmos dons que elle para exprimir a amisade, corresponderei com sinceros impulsos do coração ao seu elevado affecto.

N'esta conjunctura, um criado abriu a porta do

# Homens celebres de todos os tempos

## MIGUEL ANGELO

Temos-nos occupado n'esta secção de homens, nacionaes ou estrangeiros, que d'uma maneira notavel se distinguiram nas sciencias, nas letras, na politica, na poesia ou na guerra. Faltava-nos tratar de alguem que se tivesse tornado celebre nas bellas artes, e desejando fazel-o, o nome de Miguel Angelo acudiu-nos logo aos bicos da penna, como o do talento artistico mais extraordinario e de mais variadas aptidões que a humanidade tem produzido. Esculptor, architecto, pintor, engenheiro e poeta, em todas estas manifestações da intelligencia humana foi Miguel Angelo eminente. Como esculptor nunca ninguem o excedeu nem se lhe pôde comparar, como architecto rivalisou com o melhor do seu tempo, como pintor colloca-se ao lado de Raphael, como engenheiro impoz-se á admiração do celebre engenheiro francez Vauban, e como poeta figura logo depois de Petrarcha na lista dos mais celebres sonetistas italianos. O nome de Miguel Angelo enobrece a Renascença e honra a humanidade.

Nascido em 1475 d'uma familia nobilissima, mas pobre, de appellido Buanarotti, perto de Areso, na republica de Florença, foi mandado por seu pae para esta cidade estudar grammatica, mas, como as gran-

des voc ações se impõem e se revelam atravez de tudo o joven estudante passava as folgas da grammatica na officina de canteiro do marido da sua ama, manejando o cinzel e o maço com tal perfeição que seu pae, rendido, consentiu por fim que elle seguisse a carreira artistica, entrando como aprendiz no *atelier* d'um celebre artista de tempo.

Lourenço de Medicis, tendo tido conhecimento do excepcional talento do moço Miguel Angelo, protegeu-o, chamando-o para o seu palacio, e durante tres annos viveu o joven artista na intimidade dos homens de letras mais notaveis do seu tempo, estudando ora anatomia no hospital, ora pintura na capella de Masaccio, ora esculptura nos jardins do palacio de Lourenço de Medicis. Mas este morreu e Miguel Angelo voltou para sua casa, até que, chamado de novo pelo successor Pedro de Medicis, recomeçou a vida anterior.

Contra esta importante familia ia-se, entretanto, manifestando em Florença uma grande reacção e Miguel Angelo que professava idéas democraticas, sahiu do palacio para não crear uma situação equivoca, e foi para Veneza, algum tempo depois para Bolonha e por ultimo para Roma. N'este intervallo de tempo executou varios trabalhos notabilissimos entre os quaes o grupo *Pietà*, obra prima em que o celebre esculptor parece ter dado vida ao marmore, tal é a expressão de dôr do rosto da Virgem e a perfeição do corpo de Christo no qual o artista revelou profundo conhecimento da anatomia.

Depois da expulsão dos Medicis, voltou Miguel Angelo a Florença e executou o *David*, encarregando-se

de varios outros trabalhos que não chegou a concluir. O papa Julio II chamou-o a Roma em 1505 e encarregou-o de fazer o seu tumulo, mas o celebre architecto Bramante, accessivel ao ciume do talento artis-

Miguel Angelo

tico de Miguel Angelo, insinuou ao Papa que isso era de ruim agoiro, de sorte que, quando, escolhidos os marmores em Carrara, e ahi mesmo e em Florença esboçadas algumas das mais importantes figuras da obra, o esculptor voltou a Roma, o papa nem sequer o recebeu e mandou-lhe notificar que já não queria o tumulo. Miguel Angelo furioso retirou para Flo-

rença, sahindo de Roma de noite e a occultas, mas Julio II reclamou do governo da Republica florentina a entrega do artista, chegando a formular ameaças para o caso de não ter deferimento immediato a sua reclamação. Duvidando das intenções com que o auctoritario pontifice exigia a sua presença em Roma, aprestava-se o artista a fugir para Constantinopla, quando o governo da Republica se lembrou de resolver as difficuldades nomeando Miguel Angelo seu embaixador junto do Papa o que o tornava inviolavel. Julio II que ao tempo estava em Bolonha, mostrou porém que era infundado qualquer receio das suas intenções com respeito ao artista, recebendo-o d'uma maneira extraordinariamente enthusiastica e pedindo-lhe para lhe fazer a estatua em bronze que tencionava erigir, n'uma das praças de Bolonha e que infelizmente foi depois destruida pelo povo n'uma occasião de amotinação, e encarregando-o de novo de fazer o seu tumulo em Roma.

Bramante que estava continuando as obras da basilica de S. Pedro, vendo que as suas intrigas não tinham surtido o desejado effeito, cada vez mais dominado pelo ciume do talento do celebre esculptor, imaginando ter encontrado meio de o fazer decahir no conceito do Papa, convenceu este a encarregar Miguel Angelo de pintar a abobada da capella sixtina. O artista recusou, allegando que não era pintor, mas Julio II com o seu feitio auctoritario insistiu e Miguel Angelo metteu-se ao trabalho, executando uma obra admiravel, uma das suas maiores glorias. Julio II ficou tão enthusiasmado que nem esperou que a obra

estivesse concluida para a patentear ao publico e n'aquella capella celebrou missa no dia de Todos os Santos de 1509, continuando depois Miguel Angelo o seu trabalho, não sem que houvesse varias desintelligencias entre elle e o Papa que não sabia sofrear a impaciencia de contemplar o admiravel fresco concluido.

Encarregado por Leão X de fazer os tumulos de Juliano e dos Medicis e de concluir S. Lourenço em Florença, voltou Miguel Angelo a Roma, no tempo de Adriano VI, onde executou o Christo da Minerva Clemente VII mandou-o de novo para Florença a concluir os tumulos de S. Lourenço, mas tendo rebentado a guerra entre este Estado e o Papa, os florentinos pediram a Miguel Angelo que dirigisse as obras de fortificação. O esculptor, um pouco embaraçado porque a arte da fortificação lhe era completamente desconhecida, não soube no entanto resistir ás sollicitações dos seus concidadãos, e depois de examinar as muralhas de Ferrara, construiu em torno de Florença obras de fortificação que, não só habilitaram a cidade a resistir a um longo cerco, mas mereceram no seculo seguinte a admiração extasiada do celebre engenheiro francez Vauban. Florença teve no entanto que capitular e Miguel Angelo, excluido da amnistia concedida por Clemente VII, teve que se esconder, mas em breve foi perdoado, porque dispunha d'uma força que a todos se impunha qual era o seu talento e Clemente VII que era um Medicis, tinha pressa de vêr concluidos os tumulos dos seus ascendentes, o que Miguel Angelo fez em 1531, salientando-se n'esses famosos e imponentes mausoleus a admira-

vel estatua de Lourenço de Medicis denominada *Il pensieroso* e a extraordinaria estatua allegorica da *Noite*.

Voltando a Roma revelou de novo o seu extraordinario talento na pintura no quadro de que foi encarregado, para a capella sixtina, intitulado *Juizo final*, exposto ao publico em 1541 e que é, não só uma das mais maravilhosas obras do extraordinario artista, mas tambem uma das mais assombrosas manifestações de arte que nos é dado contemplar.

O grupo *Descida da cruz* e o quadro *Supplicio de S. Pedro* foram as ultimas obras de esculptura e pintura que Miguel Angelo produziu.

Em 1544 publicou os seus *Sonetos*, na maior parte inspirados pela paixão que n'elle despertou Victoria Colonna, marqueza de Pescaire, e que constituiu mais uma admiravel manifestação do seu extraordinario genio.

Encarregado em 1554 da direcção das obras da basilica de S. Pedro imprimiu a este grandioso monumento a harmonia magestosa que n'elle se admira.

A cupula da basilica de S. Pedro, o Juizo final da capella sixtina, os tumulos dos Medicis, as fortificações de Florença, os Sonetos e a estatua de Moysés do tumulo de Julio II, são as obras primas de Miguel Angelo, reveladoras das excepcionalissimas e variadas aptidões do mais extraordinario genio artistico que jamais produziu a humanidade.

Miguel Angelo morreu em 1564 com 89 annos de edade e, levado o seu cadaver para a egreja dos Apostolos, foi roubado por ordem de Cosme de Medicis e sepultado com grande pompa na egreja de Santa Cruz de Florença.

**Abacóte,** *s. m.*; gorra em forma de dupla corôa usada por alguns dos antigos reis de Inglaterra.

**Abacove** ou **Abacovia,** monte quasi inaccessivel da Arabia Feliz, por onde passa um caminho muitissimo perigoso que conduz a Aden e que se acha defendido por fortes á distancia de 56 kilometros da cidade.

**Abactôr,** *s. m.;* ladrão de gados; abigeu. Os abactores eram como os ciganos de agora, mas um pouco mais barbaros.

**Abáculo,** *s. m.,* pedra variegada de que os romanos usavam para certos jogos; antiga mesa pequena; cubo de tijolo ou de vidro, pintado e embutido em pavimentos ou paineis de mosaico.

**Abacur** ou **Abakur,** um dos cavallos de Sunna, deusa do Sol, na mythologia dos povos do norte.

**Abacutaia,** *s. f.*, peixe do Brazil.

**Abad, 1.º**, primeiro rei mouro de Sevilha, fundador da dynastia dos Abaditas. Libertando a sua patria do jugo dos Kalifas de Cordova, reinou 27 annos, de 1015 a 1042, juntando aos seus estados uma parte do reino de Cordova.

**Abad, 2.º**, filho do precedente, reinou em Sevilha de 1042 a 1069, sendo feliz na continuação das guerras emprehendidas por seu pae contra as berberes, augmentando ainda mais os seus estados. Foi todavia no seu reinado que o seu paiz começou a pagar um tributo annual ao rei de Castella Fernando I.

**Abad 3.º,** filho do precedente, foi o ultimo rei da dynastia dos Abaditas. Nasceu em 1040, subiu ao throno em 1068 e morreu em 1095. Este rei acabou de submetter ao seu dominio o reino de Cordova. Mas

alliando-se com Affonso XI, rei de Leão. ao qual deu uma filha em casamento, uniram-se contra elle os principes mouros que o desthronaram em 1091 e desterraram para Africa, onde morreu na miseria 4 annos depois, deixando algumas poesias muito sentidas, lamentando as suas desgraças.

**Abad,** *s. m.*, animal da India que, segundo uns, é fabuloso e, segundo outros, existe e é semelhante ao rhinoceronte.

**Abad,** povoação do Beluchistan, a 35 kilometros a sueste de Gundara, nas margens de Nari.

**Abad,** logarejo hespanhol do municipio de Bouzas, provincia de Pontevedra, parochia de S. Salvador de Carujo. Tem 19 casas e 33 habitantes.

**Abad,** povoação hespanhola da provincia de Pontevedra, municipio de Puenteáreas. freguezia de Guillade de San Miguel.

**Abad,** povoação hespanhola da provincia da Corunha, no municipio de Moeche. Tem 550 habitantes.

**Abad,** aldeia da região occidental do Industão, entre Sakkar e Xikarpur, na região chamada Sindhi

**Abad**, palavra que em persa quer dizer *casa* e que entra na composição de muitos nomes geographicos d'aquelle paiz.

**Abad**, cidade fortificada da provincia de Azerbijan, na Persia, que na guerra de 1827 foi por traição entregue aos russos.

**Abad**, (Agostinho), religioso da companhia de Jesus, nascido em Estadilla ou em Almolda (Aragão) a

13 de janeiro de 1729. Foi professor de philosophia e litteratura e durante alguns annos tambem de theologia em Calatayud. Em 1767 foi desterrado para Italia onde morreu em Ferrara nos principios de 1791. Publicou varias obras: *Compendio da vida do Padre Francisco Soares*, *Vida de D. Ignacio de Loperena*, *Obras de philosophia*, *Vida do H. Alonso Rodrigues*, *Norte moral e Anatomia politico christã.*

**Abad,** (Diogo), religioso da companhia de Jesus, nascido em Riobamba em 1637. Foi successivamente professor de grammatica, de Philosophia e de Theologia. Era um notavel orador sagrado. Deixou varias obras entre as quaes: *De Conscientia et libertate*, *De contractibus...*, *Controversiae, De Legatis, De Divinis auxiliis*, *De essentia divina* e *De actibus humanis.*

**Abad** (Francisco), heroico campeão da independencia de Hespanha no principio do seculo XIX No ardor de libertar a sua patria do jugo das tropas de Napoleão, poz-se á frente de um punhado de patriotas valorosos que o elegeram seu commandante e percorreu toda a Mancha sempre victorioso.

Em junho de 1810 derrotou completamente um destacamento de soldados francezes á sahida da povoação de Infantes, escapando apenas 20 homens. Outro destacamento que accorreu em soccorro do primeiro foi egualmente destroçado, escapando apenas 8 soldados.

Em julho, unido com a guerrilha do cura D. Francisco Ureña, derrotou as guarnições militares de Manzanares, Valdepeñas, Santa Helena e Carolina. O com-

bate durou 6 horas e os guerrilheiros causaram nas fileiras dos soldados imperiaes 70 baixas incluindo um coronel.

A 6 de setembro apoderou-se de um comboio de viveres, escoltado pelo inimigo, entre Manzanares e Valdepeñas, matando o tenente-coronel hespanhol D. Pedro Grinda que se tinha passado ao serviço de José Bonaparte. Pouco depois apoderou-se de outro comboio que levava uniformes e material, causando 80 baixas na escolta que era de 200 homens de infantaria e 50 de cavallaria.

Ainda mais tarde, embuscado entre Consuegra e Venta del Manso, surprehendeu outro comboio, composto de 60 carros, deixando no campo de batalha 40 homens e retirando com 20 feridos.

Em junho de 1811 surprehendeu um destacamento de 200 cavalleiros, causando-lhe 19 mortos e varios feridos e fazendo alguns prisioneiros, sem que á sua parte tivesse perda alguma.

Em outubro do mesmo anno reuniu á sua, composta de 250 homens, as guerrilhas de D. Alexandre Fernandes de 50 cavalleiros, de D. Francisco Laso de la Vega com 80, a de D. João Gomes com 30 e a do presbytero D. Fernando Cañizares com 50, e dispunha-se a atacar o forte de Santa Cruz de Mudela, quando soube que em soccorro da fortaleza voava uma forte columna de infantaria e cavallaria e decidiu sahir-lhe ao caminho e dar-lhe combate. Assim fez, e depois de uma curta mas sangrenta lucta, a infantaria rendeu-se toda ao guerrilheiro, emquanto a cavallaria fugia a todo galope, o que não impediu que

GETTY RESEARCH INSTITUTE
3 3125 01514 0078

Desejando corresponder ao bom e captivante acolhimento que o publico de todo o paiz tem prestado á nossa revista "COSMOS" resolvemos, afim de a tornar a mais interessante e popular, quanto em nossas forças caiba, abrir um inquerito sob os seguintes pontos:

**Quaes as secções que devem manter-se?**

**Quaes as secções novas a introduzir na Revista?**

**Quaes as que devem ser mais ou menos desenvolvidas?**

**Quaes as que devem supprimir-se?**

As modificações a introduzir de futuro a partir do X volume serão o resultado do maior numero de respostas á nossa consulta, que muito agradece a

*Direcção*